

O diálogo como superação de conflitos e construção da paz



3 Diálogo inter-religioso
na compreensão
e perspectiva católica
Cônego José Bizon

11 O jubileu do diálogo
Rabino Michel Schlesinger

19 Cristianismo e religiões
afro-brasileiras:
um diálogo de paz e axé
Tânia da Silva Mayer

27 A importância de Paulo
para uma pastoral que dialoga
Aíla L. Pinheiro de Andrade

33 Roteiros homiléticos
Pe. Ivonil Parraz

"Eu lhes dou a minha paz"



64 páginas

"Eu lhes dou a minha paz"

A paz de Deus, com os outros e consigo mesmo

Raniero Cantalamessa

A intenção deste livro é dar uma pequena contribuição para escutar com ouvidos novos o anúncio natalino: "Paz na terra aos homens que Deus ama", como também para começar a viver no interior da Igreja a mensagem que todos os anos ela dirige ao mundo na Jornada Mundial da Paz.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS

Prezados irmãos e irmãs,

Graça e Paz!

Um importante cientista da comunicação, o pensador alemão Harry Pross, disse certa vez que “toda comunicação começa no corpo e nele termina”. De fato, por mais que na atualidade se exalte o poder da tecnologia e se repita à exaustão que vivemos a melhor fase da história, no que se refere aos aparatos técnicos, por vezes nos esquecemos do fundamental: o corpo, com tudo o que ele tem de belo, de poder e também de fragilidade. A técnica deve estar a serviço do corpo, e não o corpo a serviço da técnica. Se a tecnologia não humaniza, ela não serve para nada. O corpo é insubstituível.

Acreditou-se que, com o avanço da tecnologia dos meios de comunicação, o mundo se tornaria uma aldeia. Todas as distâncias seriam encurtadas e a humanidade ficaria conectada. Ledo engano. Basta um pequeno olhar para a realidade e verificaremos verdadeira torre de Babel.

Não se trata de entrar no coral dos apocalípticos. De jeito nenhum. É o contrário. Nosso ideal é a integração. Mas é fato: o mundo está ruidoso demais. Ruídos de todas as espécies. O mais grave, no nosso caso, é quando os ruídos se referem ao desentendimento entre as religiões. As religiões, por obrigação, deveriam ser as primeiras a dar exemplo de concórdia. Aliás, a palavra concórdia, em sua origem, quer dizer “união dos corações”. E religião significa “unir-se de novo”, ou “ligar”, “unir”. União renovada em Deus. As religiões, fundamentalmente, trabalham para que, não obstante as diferenças e as pluralidades das formas de contato com o sagrado, o respeito e o diálogo prevaleçam. Os corações humanos precisam se entrelaçar. Quem devota o pensamento ao divino, pressupõe-se que tenha antes no coração sentimentos de humanização.

Referindo-se à religião cristã, quem primeiro dá o exemplo de comunicação sem ruídos é o

próprio Deus. Por amor à humanidade, ele vem habitar no mundo. Não como ser extraterrestre, mas em tudo semelhante a nós, menos no pecado. Deus tem nossa cara, nosso sangue (cf. Hb 2,14-18). “E a palavra se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14). Trata-se de um Deus presente. Não fica nas alturas contemplando os seus. Ele desce e experimenta na carne, no corpo, os mesmos dramas da criação.

É maravilhoso saber que Deus se fez corpo não porque precisasse, mas por amor incondicional, sem cálculos nem cobranças. “Esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2,7). Quem ama de verdade toma a iniciativa de quebrar o silêncio, a indiferença, e criar vínculos. Fazendo assim, Deus quis manter uma comunicação perfeita com a humanidade.

Esta edição de *Vida Pastoral* quer ser um contributo para as comunidades, com o objetivo de fazer perceber que há mais convergências do que divergências entre as mais variadas formas de contato com o sagrado. Há um caminho feito e iniciativas valiosas que precisam se consolidar sempre mais na perspectiva do diálogo inter-religioso, do entendimento, do respeito. Cremos que um dia todos participaremos do mesmo banquete, à mesma mesa, ao lado do único e supremo Criador. Enquanto peregrinamos neste mundo, é missão de todos nós amar-nos uns aos outros, respeitando as diferenças. Em cada ser humano mora o divino. “Vocês não sabem que são templos de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (1Cor 3,16). Humanizando nossas relações, realizamos o sonho de Deus, que espera de nós convivência fraterna. Não há quem derrote o amor. Jesus provou isso. Precisamos fazer o mesmo, todo dia.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor.

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações Elinaldo Meira
Editores Fernando Tangi

Revisão Tiago José Risi Leme, Alexandre Soares Santana
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus.
A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas
postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria
Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser
efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante
(nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contri-
buição espontânea para a manutenção da revista. Para os que
já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acres-
centar aos dados também o código de assinante.

Para contato:
E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de compro-
vante de depósito da contribuição para despesas postais para:
Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:
Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELEM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Diálogo inter-religioso na compreensão e perspectiva católica

Cônego José Bizon*

O diálogo inter-religioso ainda é novidade para muitas pessoas, mas é também uma necessidade urgente. A Igreja deu alguns passos nos documentos pontifícios, na reflexão teológica e na prática pastoral, mas sabemos que são os primeiros passos e que ainda temos muitos quilômetros a percorrer.

Introdução

O Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado pelo papa são João XXIII no dia 25 de janeiro de 1959, na festa litúrgica da conversão do apóstolo são Paulo, marca — nestes dois mil anos de sua existência — um novo período da história da Igreja, com características próprias de um concílio teológico e pastoral.

O primeiro milênio da Era Cristã foi marcado pela boa convivência entre os cristãos — o período da pentarquia no qual os cristãos viviam a plena comunhão eclesial, que lhes assegurava a unidade. O consenso entre os cinco patriarcados — Antioquia, Alexandria, Constantinopla, Jerusalém e Roma — foi uma forma de garantir a unidade da Igreja. Podemos dizer que foi o milênio da unidade. Também no período entre os séculos VIII e XV, cristãos, judeus e muçulmanos viveram de

*Presbítero da Arquidiocese de São Paulo, mestre em Ecumenismo pela Pontifícia Universidade Santo Tomás (Roma); coordenador da equipe de diálogo ecumênico e inter-religioso no Regional Sul 1, da CNBB, e na Arquidiocese de São Paulo. Professor de ecumenismo e diálogo inter-religioso na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, diretor da Casa da Reconciliação. Organizou cinco livros, dois na área de ecumenismo, dois na área de diálogo inter-religioso e um na área de espiritualidade presbiteral.
E-mail: casadareconciliacao@hotmail.com.



forma pacífica, a era conhecida como “Idade das Luzes”.

A Espanha islâmica — chamada de al-Andalus em árabe, daí o nome atual da região Sul do país, Andaluzia — era um lugar luminoso, a vanguarda cultural e científica da Europa. Era sobretudo um espaço raro (aliás, único) de convivência pacífica e de intercâmbio criativo entre as três grandes fés monoteístas: islamismo, cristianismo e judaísmo.¹

Se no primeiro milênio os cristãos conviviam bem e as religiões monoteístas tinham uma convivência pacífica, por que hoje as religiões não podem viver e conviver em harmonia e testemunhar que “outro mundo é possível”, vivendo em paz e na solidariedade, compreensão e respeito mútuos. Hans Küng, no seu livro *Religiões do mundo*, em busca dos pontos comuns, nos chama a atenção sobre esse ponto, quando diz:

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um etos global, uma ética para o mundo inteiro (KÜNG, 2004, p. 17).

No segundo milênio da Era Cristã, o cristianismo foi marcado por conflitos e divisões, com o Cisma do Oriente e Ocidente, em 1054, e a Reforma Protestante, em 1517. E não podemos esquecer outras marcas deixadas na história da humanidade, entre as quais o feudalismo, as cruzadas e as pestes. Em me-

ados do século XX, já no segundo milênio, o mundo ficou chocado com as duas grandes guerras mundiais. A humanidade estava desencantada e a paz ficou fragilizada.

O mundo experimentava de perto o sofrimento, com as mortes trágicas provocadas pelas guerras e pelo pecado da divisão contra

a unidade. Mas a humanidade não estava adormecida nem tinha perdido a esperança, de modo que começaram a surgir, no contexto da modernidade, sinais de fé e de esperança para um mundo melhor, por meio de algumas organizações: a Carta Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em Paris, em 10

de dezembro de 1948; a constituição do Conselho Mundial das Igrejas, em Amsterdã, na Holanda, em 23 de agosto de 1948; a abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, no dia 11 de outubro de 1962, entre outros.

No contexto acima mencionado e no contexto da modernidade e da pluralidade religiosa, começa o despertar e a necessidade de refletir sobre o diálogo inter-religioso no interior da Igreja católica; o mesmo se dá com o testemunho do papa João XXIII, por meio da organização do Secretariado para os não Cristãos, seguida da composição da Equipe de Trabalho; a elaboração da proposta do texto da Declaração *Nostra Aetate*, do Concílio Ecumênico Vaticano II, e a sua promulgação, no dia 28 de outubro de 1965, pelo bem-aventurado papa Paulo VI e pelos Padres Conciliares, com 2.221 votos a favor, 88 contrários e 3 votos nulos.

1. Revisitando documentos do Vaticano II e do Magistério

A Declaração *Nostra Aetate* é curtíssima — com apenas cinco parágrafos —, mas tem provocado mudanças nas relações in-

¹ Cf. site: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/muculmanos-judeus-cristaos-paz-idade-luzes-433401.shtml>>, Acesso em: 8 ago. 2016.



ter-religiosas. Prova disso são as realizações de eventos acadêmicos e culturais, publicação de livros e artigos e a boa convivência estabelecida, e que vem ainda se estabelecendo em nossos dias, entre fiéis de diferentes religiões. Podemos afirmar que essa é a declaração mais sucinta do Concílio Vaticano II, mas nem por isso deixa a desejar, no seu relevante conteúdo teológico, até os dias de hoje. O cardeal Kurt Koch, em seu discurso no TUCA, no dia 2 de setembro de 2015, por ocasião do Jubileu de Ouro da promulgação da declaração, afirmou: “A Declaração *Nostra Aetate* não perdeu em atualidade, mesmo depois de cinquenta anos, mas serve ainda hoje e no futuro como uma útil bússola na reconciliação entre cristãos e judeus”.

A Declaração *Nostra Aetate* não apresenta um programa de ação, mas declara as intenções, as indicações e a colaboração para uma aproximação da Igreja para com as religiões, mencionadas nos seus cinco parágrafos, em vista de uma mútua cooperação. É um texto que exorta à ação, à quebra de preconceitos, e propõe a construção de pontes entre as diferentes religiões, através do diálogo.

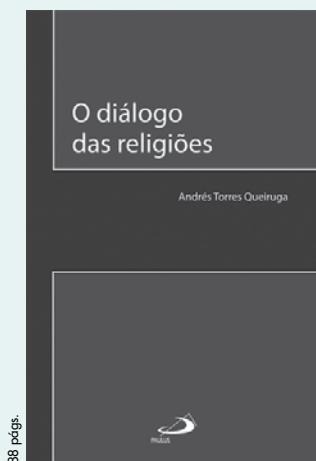
Exorta seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e a vida cristãs, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores socioculturais que entre eles se encontram (NA 2).

A declaração não é o ponto de chegada, mas o ponto de partida para o diálogo e a colaboração entre membros de diferentes tradições religiosas. Posso afirmar, com certeza, que as orientações da Declaração *Nostra Aetate* têm sido confirmadas, aprofundadas e atualizadas pelos papas que sucederam ao Concílio Vaticano II, em vários aspectos.

A Declaração *Nostra Aetate* exorta os filhos e filhas da Igreja, afirmando que:

O diálogo das religiões

Andrés Torres Queiruga



A presença dos fundamentalismos, a instrumentalização dos credos religiosos para fins terrivelmente bélicos e a inquietude espiritual, que para muitos supõe a presença em paralelo das religiões num mundo como o atual, que as põe em crescente contato direto, não permitem fechar os olhos diante desse problema. É urgente pensá-lo de verdade. O autor o trata com clareza e honestidade, procurando ser uma ajuda no diálogo, no debate e ânimo para uma práxis renovada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Não podemos, na verdade, invocar a Deus como Pai de todos, se recusarmos o tratamento fraterno a certos homens, criados também à imagem de Deus. A relação do homem para com Deus Pai e a relação do homem para com os irmãos de tal modo se interligam que a Escritura chega a afirmar: “quem não ama, não conhece a Deus” (1Jo 4,8) (NA 5).

Podemos afirmar ainda que a Declaração *Nostra Aetate* é atual em nossos dias, diante de fatos de diversas discriminações e de manifestações de intolerância religiosa que nos últimos tempos têm surgido em diferentes cidades do nosso país e aos poucos vão surgindo em nossos horizontes, deixando-nos assustados, com medo e perplexos. Mas a declaração continua nos recordando que “a Igreja, por conseguinte, reprovava toda e qualquer discriminação ou vexame contra homens por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível com o espírito de Cristo” (NA 5).

A declaração também recomenda que se promovam diversas formas de estudos bíblicos e teológicos para a mútua compreensão e aproximação.

Sendo, pois, tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e judeus, este Sacrossanto Concílio quer fomentar e recomendar a ambas as partes mútuo conhecimento e apreço. Poderá ele ser obtido principalmente pelos estudos bíblicos e teológicos, e ainda por diálogos fraternos (NA 4).

O Conselho Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 26 de outubro de 1983, para reforçar a

declaração, aprovou as *Orientações para os católicos no relacionamento com os judeus*. O texto diz que:

A catequese e a liturgia evitarão juízos desfavoráveis a respeito dos judeus. É para desejar que tanto os cursos de formação doutrinária católica como as celebrações litúrgicas ponham em relevo os elementos comuns a judeus e cristãos [...] e lembra que o Novo Testamento é ininteligível sem o Antigo Testamento: as festas de Páscoa, Pentecostes e as orações da Liturgia, especialmente os Salmos, têm a sua origem na tradição judaica (7).

O Documento de Aparecida deseja prosseguir no caminho percorrido nos documentos do magistério, no que diz respeito ao diálogo ecumênico e inter-religioso, através da formação teológico-pastoral, e nele encontramos o

incentivo e o apoio à formação.

Em lugar de desistir, é necessário investir no conhecimento das religiões, no discernimento teológico-pastoral e na formação de agentes competentes para o diálogo inter-religioso, atendendo às diferentes visões religiosas presentes nas culturas de nosso continente (DA 238).

2. A urgência do diálogo inter-religioso na pastoral

A Igreja católica deseja prosseguir no diálogo sincero e fecundo com pessoas de diferentes tradições religiosas, com pessoas de fé, sendo sempre na perspectiva religiosa. Esse diálogo não é uma tentativa de impor aos outros a sua visão. Ele exige que todos nós, fiéis àquilo em que cremos, escutemos o outro com respeito, procuremos discernir quanto há de bom e de santo em cada uma das outras doutrinas e cooperemos no apoio a tudo



o que favorece a mútua compreensão e a paz. “Não se trata, pois, de chegar a uma religião única, nem a um coquetel de religiões, nem de substituir a religião por uma ética”, afirmou Hans Küng (2004, p. 17).

Falando, um dia, para um grupo de pessoas adultas sobre a importância e a urgente necessidade do diálogo ecumênico e inter-religioso, depois de ter concluído a reflexão, foi-me dirigida a seguinte pergunta: “Quantas pessoas você já converteu para a Igreja católica com o seu trabalho?”. Essa foi a pergunta mais direta que, até então, uma pessoa me havia feito. Parei, respirei, refleti e respondi: “O esforço que tenho feito, até o presente momento, em primeiro lugar, é para a minha conversão pessoal; a cada momento preciso me converter para o diálogo e, da mesma forma, espero que a outra pessoa também se converta para o diálogo. Assim, juntos poderemos continuar conversando e trabalhando pela humanidade, num diálogo entre pessoas de diferentes denominações cristãs e tradições religiosas”. Foi o que o cardeal Arinze escreveu, mais tarde, na Carta aos Presidentes das Conferências Episcopais, em 3 de março de 1999: “O diálogo supõe a conversão, no sentido de um retorno do coração para Deus, no amor e na obediência à sua vontade: em outras palavras, uma abertura do coração à ação de Deus...” (FITZGERALD, 2006, p. 47).

3. O diálogo inter-religioso no Brasil

No Brasil, temos colhido alguns frutos desde a promulgação da Declaração *Nostra Aetate*. Passo a fazer uma breve menção a cada um deles: a instituição da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, em 27 de fevereiro de 1981; em 2005 visita ao Brasil de dom Michel L. Fitzgerald, então presidente do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, do Vaticano. Em São Paulo a cada dia ele teve a oportunidade de visitar várias comunidades religiosas e de celebrar a eucaristia, rezando pelo bom êxito

Buscadores cristãos no diálogo com o islã

Faustino Teixeira



Esta obra faz parte de um amplo projeto de pesquisa do CNPq voltado para o tema do diálogo inter-religioso. O foco deste volume é a candente questão dos buscadores cristãos no diálogo com o islã. Os autores aqui abordados são ainda em parte desconhecidos dos leitores brasileiros, mas foram fundamentais no processo de abertura da Igreja Católica aos irmãos muçulmanos, que se iniciou com o Concílio Vaticano II.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





do diálogo inter-religioso e pedindo luzes ao Espírito Santo para nos conduzir no caminho correto; aos alunos e professores da Faculdade de Teologia, falou do valor e importância do diálogo inter-religioso em nossos dias. Foi acolhido por diferentes tradições religiosas — afro-brasileira, budista, hinduísta, judaica, muçulmana — e na Casa da Reconciliação, onde ficou hospedado, foi acolhido e acolheu, em uma manhã de reflexão, mais de cinquenta líderes de diferentes denominações cristãs e tradições religiosas para uma partilha de preocupações e desafios, de oportunidades e possibilidades de diálogo. Essa visita foi como uma chuva; onde havia a iniciativa de diálogo, ele cresceu e progrediu; onde ainda não havia a semente, ela foi lançada, e do diálogo surgiram algumas iniciativas de aproximação, de respeito e de conhecimento mútuo.

Ele foi a Salvador, onde foram realizadas várias visitas e encontros. No terreiro da Casa Branca, Ilé Axé Yjá Nassô Oká, nasceu a necessidade do diálogo com as religiões de matriz africana, e logo depois começou a articulação para formar um grupo de diálogo, de reflexão e de estudo da Igreja católica com as religiões de matriz africana, com perspectiva de formar grupos em diferentes capitais, de acordo com as realidades locais. O grupo de São Paulo continua seus encontros de reflexão e de aprofundamento entre as duas tradições. O *Documento de Aparecida* afirma, número 233: “Cabe observar que, onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum”.

4. Um passo adiante

Em 1984, o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, na época chamado

Secretariado para os não Cristãos, publicou um documento intitulado *Atitude da Igreja perante os seguidores de outras religiões. Reflexões e orientações sobre missão e diálogo*. O documento descreve a missão da Igreja como uma realidade unitária, mas complexa e articulada; os elementos desse complexo

são, entre outros, o diálogo inter-religioso. Esse é um dos documentos cuja leitura e reflexão recomendo a todas as pessoas que atuam nas áreas da evangelização e da missão.

Por ocasião dos 25 anos da Declaração Conciliar *Nostra Aetate*, o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e a Congregação para a Evangelização dos Povos publicaram o documento *Diálogo e anúncio*,

onde se salienta a estreita relação que existe entre *diálogo* e *anúncio*, um não excluindo o outro. O documento estende o conceito de “tradições religiosas” às religiões da Ásia, da África e de outros continentes (DA 12). Aqui já percebemos como os horizontes vão se ampliando, desde a promulgação da Declaração *Nostra Aetate*. Na declaração são mencionadas nominalmente apenas algumas tradições religiosas: budismo, hinduísmo, islamismo e judaísmo. E o documento *Diálogo e anúncio*, no §13, amplia os horizontes, dizendo que “o diálogo inter-religioso deveria estender-se a toda as religiões e a seus seguidores”.

O diálogo inter-religioso não tende simplesmente a uma compreensão mútua e a relações amigáveis. Ele se encaminha para um nível muito mais profundo, o nível do espírito, onde a troca e a partilha consistem em um testemunho mútuo daquilo que cada um crê e uma exploração comum das respectivas convicções religiosas (DA 40).

“onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum”



5. Orientações práticas

O documento *Diálogo e anúncio*² — que recomendo às pessoas que querem compreender o que é o diálogo, o seu valor, e se comprometer com ele; e às pessoas de boa vontade que queiram ler, eu digo que vale a pena ler — traz recomendações práticas para o dia a dia e para o diálogo; recomendações que passo a descrever.

Para quem é o diálogo inter-religioso?

Para toda a Igreja — leigos, clérigos, teólogos, bispos, religiosos e monges, chamados à construção do Reino de Deus com o seu anúncio e testemunho, com a sua presença e solidariedade, com respeito e amor para com todas as pessoas, sem distinção de cor, raça, sexo, religião e etnia.

Quais são os imperativos do diálogo inter-religioso?

— A mútua compreensão. Dissipar todas as formas de preconceitos e promover o conhecimento através de estudos e apreciações comuns.

— O compromisso comum. Ser capaz de testemunhar e de promover valores da dignidade humana e da espiritualidade; entre eles, a paz, o respeito à vida — desde a sua concepção até a morte —, dignidade, igualdade, justiça, liberdade religiosa, através da ação conjunta, da oração e da experiência religiosa compartilhada.

— O enriquecimento mútuo. Despertar nas pessoas os valores e as experiências características de outros fiéis.

Quais são as formas de diálogo?

— Diálogo da vida. As boas relações de amizade entre pessoas de diferentes religiões na partilha da vida, no dia a dia, nas alegrias e tristezas, esperanças e preocupações, conquistas e fracassos, problemas e soluções.

— Diálogo da ação social. Os trabalhos

² Procurei fazer aqui um resumo dos parágrafos 42 a 49 do documento para uma melhor compreensão.

Vaticano II e o diálogo inter-religioso

Wagner Lopes Sanchez



112 págs.

Nas páginas deste livro, os leitores encontrarão o caminho feito pela Igreja Católica, com seus “altos e baixos”, para ir ao encontro das outras religiões. Este livro é um convite para afinar os ouvidos, clarear os olhos e abrir as mãos para acolher as religiões e m suas riquezas, apesar de suas eventuais contradições e dificuldades, num mundo cada vez mais plural.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





realizados em conjunto, em prol dos necessitados, de modo particular daqueles que estão mais próximos de nós; pela justiça e paz, sustentabilidade e integridade da pessoa e do planeta, a Casa Comum.

— Diálogo teológico. Os estudos dos livros sagrados e da doutrina teológica realizados por teólogos de várias religiões, um trabalho em conjunto na busca de melhores maneiras de lidar com as divergências.

— Diálogo da mística. Os momentos celebrativos e de meditações pessoais e comunitárias em defesa da vida, da justiça e da paz.

O diálogo tem as suas exigências:

— O equilíbrio. Não ser ingênuo, mas crítico e acolhedor; o diálogo exige esforço e boa vontade de um empenho conjunto a serviço da verdade e prontidão em se deixar transformar pelo encontro.

— A convicção de sua religião. A sinceridade do diálogo exige a participação com a integridade da própria fé, considerando as convicções e os valores das outras pessoas abertamente.

— A abertura à verdade. Manter a sua identidade e estar disposto a aprender e acolher a outra pessoa como ela é, assim como os valores de sua tradição religiosa; estar aberto para superar os preconceitos e rever ideias preconcebidas, purificando a sua própria fé.

“O diálogo inter-religioso, além de seu caráter teológico, tem um especial significado na construção da nova humanidade”

Conclusão

Creio que o parágrafo abaixo, do *Documento de Aparecida*, expressa bem os sentimentos, o significado, o imperativo e o compromisso da Igreja para com o diálogo inter-religioso; por esse motivo, registro como minhas as palavras que seguem:

O diálogo inter-religioso, além de seu caráter teológico, tem um especial significado na construção da nova humanidade: abre caminhos inéditos de testemunho cristão, promove a liberdade e dignidade dos povos, estimula a colaboração para o bem comum, supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas, educa para a paz e para a convivência cidadã: é um campo de bem-aventuranças que são assumidas pela Doutrina Social da Igreja (DA 239). ●

Bibliografia

- BIZON, J.; DRUBI, R.; DARIVA, N. (Orgs.). *Diálogo inter-religioso: 40 anos da Declaração Nostra Aetate: coletânea de documentos da Igreja Católica*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2007.
- FITZGERALD, Dom Michael. *A unidade, desejo de Deus. Quarenta anos de diálogo inter-religioso*. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2006.
- KÜNG, H. *Religiões no mundo. Em busca dos pontos comuns*. Campinas: Verus, 2004.



O jubileu do diálogo

Rabino Michel Schlesinger*

Shamai e Hilel discutiram incontáveis assuntos legais por muitos anos. Em certo momento, conta o Talmude,¹ saiu uma voz do céu e declarou: “Elu VeElu Divrei Elohim Chaim VeHalachá KeBeit Hilel” (“Estas e também aquelas são palavras do Deus vivo; no entanto, a Lei será determinada conforme a opinião de Hilel” — Talmude Babilônico, Tratado de Eiruvim, 13b).² Nossos sábios se perguntaram: Se ambos possuem razão, então qual o critério para se determinar a lei? E a resposta é maravilhosa: Hilel mereceu que a lei fosse determinada da sua maneira porque sabia dialogar com elegância. Citava a opinião do seu oponente sempre com respeito, antes mesmo de citar seu próprio pensamento.

1. Compilação de debates dos rabinos entre 50 antes da Era Comum e 550 depois da Era Comum.

2. As traduções do hebraico e do aramaico são de responsabilidade deste autor.

*Michel Schlesinger é rabino da Congregação Israelita Paulista e representante da Confederação Israelita do Brasil para o diálogo inter-religioso. E-mail: michel@cip.org.br

Introdução

O Jubileu de Ouro do Concílio Vaticano II e da Declaração *Nostra Aetate*¹ é oportunidade para uma profunda reflexão sobre as conquistas e desafios do diálogo católico-judaico.

A presença judaica no Brasil é tão antiga quanto a chegada dos portugueses ao país

1 Documento que resultou do Concílio Vaticano II (1965).



em 1500. As primeiras caravelas trouxeram judeus que fugiram da perseguição religiosa promovida pelos tribunais da Inquisição na península Ibérica (PÓVOA, 2010).

No início do século XVII, judeus provenientes da Holanda fundaram a primeira sinagoga e a primeira comunidade judaica organizada das Américas na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, no Nordeste brasileiro (CARVALHO, 1992).

Foi durante o Ciclo da Borracha,² no século XIX, que ondas migratórias judaicas provenientes do Marrocos se instalaram no Pará e no Amazonas. Além das capitais Belém e Manaus, esses imigrantes do Norte da África se instalaram também em cidades ribeirinhas nesses dois estados do Norte do país.

Já no século XX, judeus oriundos da Europa Central, Oriental e Ocidental fundaram as colônias agrícolas de Phillipson e Quatro Irmãos, nas cidades de Erexim, Passo Fundo e Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul.

As duas guerras mundiais foram responsáveis pela chegada de grandes massas migratórias judaicas asquenazes,³ no século XX, às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Com a criação do Estado de Israel, em 1948, os judeus oriundos dos países árabes foram obrigados a deixar seus países no Oriente Médio, como o Egito, o Líbano e a Síria, e se iniciou a mais recente onda migratória judaica com destino ao Brasil.

A imigração judaica para o Brasil trouxe diversos desafios aos judeus. O maior desa-

fio de qualquer religião é manter suas tradições e, a um só tempo, participar da vida contemporânea. A comunidade judaica brasileira enfrenta esse mesmo desafio. As comemorações e rituais de passagem, aparentemente anacrônicos, ainda têm muito a contribuir à vida do judeu observante do século XXI. Ao mesmo tempo, a modernidade traz desafios inéditos, que acarretarão uma mudança das práticas milenares tradicionais.

“O Shabat, descanso sabático do povo judeu, está entre os pilares fundamentais do judaísmo”

Superando preconceitos

Por meio do conhecimento de alguns preceitos básicos do judaísmo, tem-se a oportunidade de superar o preconceito que separou religiosos de diferentes denominações.⁴

“Um santuário no tempo”, assim o *Shabat* foi descrito pelo rabino Abraham Yehoshua Heschel (HESCHEL, 2004), um dos mais importantes filósofos judeus do século XX. O *Shabat*, descanso sabático do povo judeu, está entre os pilares fundamentais do judaísmo. Sua origem mítica remonta à ideia de que Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo descansou. Por esse motivo, também nós devemos criar de domingo a sexta-feira e utilizar o sétimo dia da semana como um dia de orações, estudo e reflexão.

A sexta-feira é um dia dedicado aos preparativos para o *Shabat*. Antes do anoitecer, a comida deve estar pronta, a casa precisa estar limpa, a família deve banhar-se e se vestir com roupas festivas, a mesa deve estar preparada para o jantar ritual.

O *Shabat* começa com o acendimento de duas velas, uma referência aos termos utilizados pela Torá (Pentateuco) ao ordenar a

2 Ciclo da Borracha é o chamado período em que a possibilidade de obter lucro com a extração da borracha de seringueiras no Norte do país atraiu um grande fluxo migratório.

3 Judeus asquenazes são os provindos dos países da Europa Ocidental.

4 Os parágrafos que se seguem são de minha autoria e foram publicados, pela primeira vez, na revista *História Viva Grandes Religiões 2 — judaísmo*, da editora Duetto, p. 83.

observância do descanso sabático. Na primeira referência está escrito “zachor” (Ex 20,8), que significa “recordarás o sábado”, e na segunda aparição, o termo utilizado é “shamor” (Dt 5,12): “observarás o *Shabat*”.

O serviço religioso que inicia o sábado chama-se *Cabalat Shabat*, o recebimento do *Shabat*. Dentre as principais orações desse serviço, destaca-se a *Lechá Dodi*. Escrita pelos cabalistas na cidade de Safed, no Norte de Israel, no século XVI, essa oração compara o povo judeu a um noivo que aguarda a chegada de sua noiva (o *Shabat*) com ansiedade e alegria.

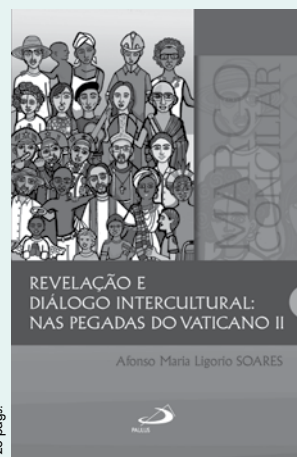
Quando a família retorna da sinagoga, dá-se início ao jantar cerimonial. Existe um costume dos pais abençoarem seus filhos; é realizado o *Kidush*, que é a santificação do vinho; faz-se a lavagem ritual das mãos e a bênção sobre as duas *chalót*, que são pães trançados. Durante o jantar, costuma-se entoar cânticos especiais, as *zemirót*, e o jantar termina com o agradecimento pela refeição, o *bircát hamazón*.

No sábado de manhã, é realizada a oração matinal, o *Schacharit*, que tem como destaque a leitura pública da porção semanal da Torá, além de um estudo sobre o seu conteúdo. O serviço matutino é encerrado pela oração de *Mussáf*, um acréscimo litúrgico em lembrança ao sacrifício adicional de *Shabat* que era realizado no Templo de Jerusalém.

O almoço de *Shabat* segue, em linhas gerais, o mesmo ritual do jantar de sexta-feira. À tarde realiza-se o serviço religioso de *Minchá*, com a leitura do início da porção da Torá da próxima semana. Finalmente, o *Shabat* termina com a *Havdalá*, que é a cerimônia de separação entre o sábado e o início da nova semana. Para esse ritual, utiliza-se vinho, uma vela especial trançada com diversos pavios e especiarias. O objetivo é impressionar nossos cinco sentidos e nos preparar para o início de uma nova semana.

Revelação e diálogo intercultural: nas pegadas do Vaticano II

Afonso Maria Ligorio Soares



126 págs.

O Concílio Vaticano II lançou as premissas de uma postura dialogal que exigirá progressivamente o confronto das religiões em busca da verdade maior que coincide com o próprio Deus. A presente obra traça, de modo claro, esse roteiro dialogal inaugurado pelo Concílio; busca articular o que, ao menos nos textos conciliares, aparece como distinto e, para muitos, até mesmo distante: a questão da verdade revelada e a questão da cultura.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Assim como o *Shabat*, todas as festas do calendário judaico têm início na véspera. Esse calendário é composto por anos de doze meses e anos de treze meses, e os meses têm 29 ou 30 dias. O sistema é baseado nas fases da lua, porém existe um acerto em relação ao calendário solar, para que as festas aconteçam sempre nas mesmas estações do ano. O *Rosh Chodesh*, início de mês judaico, cairá sempre em uma lua nova, e a lua cheia coincidirá com a metade do mês.

Dentre as dezenas de datas festivas presentes no calendário judaico, destacam-se as Festas de Peregrinação. Três festas recebem esse nome porque marcavam uma época de visita dos judeus ao Templo de Jerusalém na antiga Judeia.

A primeira Festa de Peregrinação do calendário judaico é *Sucôt*, a Festa das Cabanas. Nessa comemoração, relembramos as tendas frágeis nas quais viveram os israelitas durante suas andanças pelo deserto. Recordamos principalmente que a verdadeira proteção não nos é concedida pelos muros e cercas, mas pela vigilância de Deus. Quatro diferentes espécies são utilizadas na comemoração desse feriado: a cidra, a palmeira, a murta e o salgueiro são unidos de forma ritual, representando a diversidade do povo judeu. Além disso, recebemos a visita simbólica de sete personagens bíblicos que “hospedam-se” em nossas cabanas em cada uma das noites da festa.

Pessach, a segunda das Festas de Peregrinação, comemora a libertação dos escravos israelitas da terra do Egito. Segundo a narrativa bíblica, por centenas de anos os filhos de Israel trabalharam como escravos do faraó, até Deus ordenar que Moisés os libertasse da opressão. A saga tem seu ápice no episódio da travessia do mar Vermelho. Se-

gundo os rabinos, cada geração deve sentir como se ela própria tivesse saído do Egito. Por esse motivo, comemora-se anualmente a Festa da Passagem (o *Pessach*). O ponto alto da comemoração é o *Seder*, que significa ordem, sequência. O *Seder* é um jantar ritual composto por quinze diferentes etapas,

por meio das quais a história do êxodo é contada de maneira teatral, com destaque especial para a participação das crianças. Durante a semana da festa, fica proibida a ingestão de qualquer alimento ou bebida que leve trigo, cevada, aveia, centeio ou espelta e seus derivados. Em vez disso, utiliza-se a *Matsá*, o pão ázimo, em recordação ao alimento dos recém-libertos que,

durante a fuga, não puderam esperar o seu pão fermentar.

Sete semanas depois de *Pessach*, comemora-se *Shavuót* (semanas). Essa festa marca a entrega da Torá no monte Sinai. Entre os principais costumes está o da vigília. Durante toda a noite da festa, costuma-se ficar acordado estudando as fontes judaicas. Além disso, enfeitam-se as sinagogas com flores, porque se acredita que o monte Sinai ficou coberto com flores durante a entrega da Torá. Comem-se derivados de leite durante essa festa e lê-se o livro de Rute. Segundo a tradição, o rei Davi, que era bisneto de Rute, nasceu e morreu em *Shavuót*, razão pela qual prestamos uma homenagem lendo a história de sua bisavó. Rute é a primeira mulher a converter-se ao judaísmo, segundo a tradição. Também por esse motivo, lemos na Festa da Entrega da Torá a história da primeira pessoa que voluntariamente decidiu abraçar o judaísmo e as leis da mesma Torá.

Existe um período do calendário judaico conhecido como as Grandes Festas. Trata-se do ano novo, *Rosh Hashaná*, seguido

“Recordamos principalmente que a verdadeira proteção não nos é concedida pelos muros e cercas, mas pela vigilância de Deus”

por dez dias de arrependimento, *Asseret Iemei Tshuvá*, e o *Iom Kipur*, o dia do perdão. Durante esse período, Deus julga cada uma de suas criaturas e determina acerca do seu futuro.

Rosh Hashaná remonta à criação do mundo. Passaram-se 5.774 anos desde a criação do homem e da mulher no sexto dia da criação. O ano novo é comemorado por dois dias de orações nas sinagogas, além de refeições festivas. Na sinagoga destaca-se o *Shofar*, chifre de carneiro tocado para anunciar a chegada do novo ano e despertar a consciência dos fiéis. Durante as refeições, come-se maçã com mel, que representa a perspectiva de um ano bom e doce. Além disso, costuma-se comer cabeça de peixe ou de carneiro, em referência à tradução literal do nome do feriado, porque *Rosh Hashaná* significa a cabeça do ano.

Depois de dez dias de arrependimento e reflexão, chega o dia mais austero do calendário judaico, o *Iom Kipur*. Nesse dia, estão proibidas as relações íntimas, banhos por prazer, cosméticos, calçados de couro e, principalmente, alimentos e bebidas. Durante esse jejum absoluto de vinte e cinco horas, os judeus realizam diversas orações, pedem perdão por suas transgressões e solicitam que o ano que há pouco se iniciou seja de paz. Um dos pontos altos do serviço é a oração do *Col Nidrei*. Durante essa reza, todos os rolos da Torá da sinagoga são retirados da arca sagrada e o cantor entoia três vezes a oração solene. No final do dia, um longo toque do *Shofar* é ouvido, marcando o final do jejum e a conclusão do julgamento divino.

Os dois feriados pós-bíblicos mais importantes são *Purim* e *Chanucá*. O primeiro festeja a sobrevivência dos judeus que viviam na Pérsia durante o reinado de Assuero, e o segundo comemora a reconquista do Templo de Jerusalém e o milagre do azeite que deveria durar apenas um dia e ardeu in-

De Babel a Pentecostes

Ensaio de teologia inter-religiosa

Claude Geffré



Como indica seu subtítulo, a presente obra quer levar a sério as implicações do mistério do pluralismo religioso, e tenta esboçar o projeto duma teologia inter-religiosa que reinterprete a singularidade cristã, levando em conta as sementes de verdade de que outras tradições religiosas podem dar testemunho.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



cessantemente por oito. *Purim* é comemorado pela leitura pública do livro de Ester e uma festa alegre, e *Chanucá* é celebrado pelo acendimento diário da *Chanuquiá*, o candelabro de oito braços.

Existem também feriados ligados à história nacional do Estado de Israel. Entre eles destacam-se o *Iom Haatsmaút* (dia da independência) e o *Iom Hazicaron* (dia da recordação), em memória aos mártires das guerras de Israel. Fatos recentes da história judaica também são lembrados em ocasiões como o *Iom Hashoá*, o dia do Holocausto.

Além das comemorações coletivas, o judaísmo também festeja as etapas importantes da vida particular dos judeus. O ciclo da vida é celebrado por meio de rituais de passagem. No início, esses rituais foram criados para marcar as etapas da vida dos homens judeus, uma vez que a mulher não participava de celebrações públicas por uma restrição social. Nas últimas décadas, sobretudo nas comunidades reformistas e conservadoras, a mulher passou a comemorar também suas mudanças de etapa.

No oitavo dia depois do seu nascimento, o menino deve passar pelo ritual da circuncisão. Essa celebração remonta à circuncisão do patriarca Abraão e de todos os homens de sua casa (Gn 17). A cerimônia marca a entrada do menino na aliança celebrada entre Deus e o povo judeu. Nessa ocasião, a criança recebe seu nome hebraico. As meninas recém-nascidas recebem seu nome em uma cerimônia chamada *Simchát Bat* (a alegria da filha), que é realizada na sinagoga, quando a família próxima recebe a bênção de um rabino.

Ao atingir a maioridade religiosa, os judeus também realizam uma celebração. A comemoração dos meninos chama-se *Bar-*

Mitzvá e acontece aos treze anos. As meninas festejam aos doze anos o seu *Bat-Mitzvá*. As duas cerimônias acontecem na sinagoga e marcam a entrada dos jovens na vida judaica adulta. Meninos e meninas passam a ter todas as prerrogativas e obrigações religiosas de judeus adultos.

O casamento judaico acontece embaixo da *chupá* (lê-se “rupá”), uma tenda nupcial que simboliza o futuro lar do casal. As alianças fazem parte do ritual judaico. Além disso, é realizada a leitura da *ketubá*, um documento matrimonial. Depois da realização de diversas bênçãos e das palavras que o rabino profere em homenagem ao casal, o noivo quebra um copo com o

pé. O rompimento do copo simboliza a destruição dos Templos de Jerusalém. A mensagem é de que os noivos precisam sempre se lembrar de que pertencem a um povo que também tem seus reveses, além de momentos de celebração. A lei judaica prevê a possibilidade de divórcio religioso, caso seja essa a vontade do casal.

O judaísmo tem muitos costumes relacionados à maneira de se marcar o luto e a despedida de um familiar falecido. O enterro deve acontecer em um cemitério judaico, depois de o corpo passar por uma lavagem ritual, a *tahará*. Existem três diferentes períodos de luto, nos quais as restrições são decrescentes e, por outro lado, aumenta gradualmente a reinserção dos enlutados na sociedade. O primeiro período é de sete dias, depois trinta e, finalmente, um período de onze meses, durante os quais será recitada diariamente uma oração de homenagem à pessoa falecida, o *Kadish* (santificação). O judaísmo acredita que, embora assumam outra forma, a vida continua depois da morte.

De maneira particular, o judaísmo vê em suas comemorações e rituais de passagem

“os noivos precisam sempre se lembrar de que pertencem a um povo que também tem seus reveses, além de momentos de celebração”

uma oportunidade de enriquecimento espiritual para a vida do judeu observante.

Convergências

Nos últimos cinquenta anos, sociedades de todo o mundo organizaram grupos de diálogo e aprofundaram o trabalho de conhecimento mútuo. No Brasil, o primeiro grupo a surgir foi o Conselho de Fraternidade Cristão-Judaico. Em seguida, surgiu a Comissão Nacional de Diálogo Católico-Judaico, que tem como coordenador do grupo católico o cônego José Bizon e que completou mais de trinta anos de existência, trabalhando em quatro diferentes esferas: teológica, social, pessoal e institucional.

Religiosos católicos e judeus se reúnem com frequência em diversas cidades brasileiras para estudar a tradição religiosa do outro, traduzindo em pesquisa e análise o empenho de aproximação teológica. No âmbito social, unimos forças para promover causas comuns, como a ética, a consciência ambiental, a segurança, a justiça social, entre tantas outras. Vínculos pessoais entre líderes de ambas as comunidades foram estabelecidos e são constantemente fortalecidos.

Finalmente atuamos para aproximar as instituições da comunidade judaica, como a Confederação Israelita do Brasil (Conib) e as diversas federações israelitas, das instituições católicas, como a CNBB e o Celam.

A cidade de São Paulo tem a maior comunidade judaica do Brasil.⁵ Nas últimas décadas, a relação entre a arquidiocese dessa cidade e a comunidade judaica foi muito próxima. Dom Paulo Evaristo Arns e o rabino Henry Sobel estiveram juntos em diversos momentos marcantes, sendo o mais co-

nhecido de todos a missa rezada na Catedral da Sé em 1975.

Desde que assumiu a Arquidiocese de São Paulo, dom Odilo Pedro Scherer fez questão de manter um diálogo fluido com a comunidade judaica. Em 2008, realizou uma viagem à Cidade do México a convite do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) e do Congresso Judaico Latino-Americano, junto com dom Raymundo Damasceno de Assis. Em 2009, a convite da Confederação Israelita do Brasil (Conib), esteve na Congregação Beit Yaacov para recordar as vítimas do Holocausto. Por diversas vezes, dom Odilo aceitou nosso convite de estar na Congregação Israelita Paulista (CIP), por ocasião de diferentes encontros e celebrações. Merecem destaque a visita que o cardeal realizou na noite do *Col Nidrei* (início das celebrações do *Iom Kipur*, o Dia do Perdão, data mais sagrada do calendário judaico), em 2010, e sua presença no Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, em janeiro de 2013. Além disso, Scherer esteve em um evento beneficente promovido pela CIP na sala São Paulo, onde a Filarmônia de Israel, sob a regência do maestro indiano Zubin Mehta, se apresentou em 2011. No mesmo ano, a convite do Congresso Judaico Latino-Americano, o cardeal participou de uma conversa informal, no clube A Hebraica, com o grupo Novas Gerações daquele organismo do subcontinente.

Foram também diversas as ocasiões em que o cardeal Odilo nos recebeu na catedral metropolitana e em outras instituições da Igreja católica em São Paulo. Certa vez, dom Odilo nos chamou para um jantar no mosteiro de São Bento. Por se tratar da semana de *Pessach*, celebração da recordação da travessia do mar Vermelho depois da escravidão dos israelitas no Egito, recusamos o convite, alegando que nossa alimentação *kasher* (ritualmente apropriada para o juda-

5 Conta com aproximadamente 60 mil judeus, do total de 100 mil em todo o país. O Rio de Janeiro conta com 20 mil judeus e os demais estão espalhados por cidades como Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Belém e Manaus.



ismo) era ainda mais restritiva naquela época. O cardeal nos assegurou de que todas as providências tinham sido tomadas. Quando chegamos ao mosteiro, junto com representantes da Federação Israelita do Estado de São Paulo, ficamos surpresos ao constatar que um serviço de *buffet kasher* havia sido contratado em consideração à nossa pequena delegação. Recentemente, também participamos de uma comemoração pelo cinquentenário do início do Concílio Vaticano II, que reaproximou católicos de judeus, depois de séculos de abismo, no aniversário de São Paulo, em uma catedral metropolitana lotada. Na mesma ocasião, uma homenagem à memória de Anne Frank, jovem que se refugiou e acabou perecendo na Europa nazifascista, foi prestada. Uma missa foi dedicada, em janeiro de 2014, à memó-

**“Precisamos fazer
com que o diálogo
inter-religioso atinja
também nossos
congregantes”**

ria das vítimas da Shoá, por ocasião do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto.

O desafio que nos aguarda para os próximos cinquenta anos, em minha opinião, é muito claro. Precisamos fazer com que o diálogo inter-religioso atinja também nossos congregantes. O membro comum de nossas comunidades ainda não conhece o trabalho inter-religioso e, por vezes, propaga preconceitos por total ignorância da natureza daquele que lhe é diferente.

Muitas são nossas semelhanças; ao mesmo tempo, temos algumas convicções distintas. Assim como Shamai e Hilel, não seremos julgados pela verdade de nosso discurso, porque cada religião tem sua verdade, mas pela elegância com que conduziremos as discussões. *Shalom.* ●

Bibliografia

- CARVALHO, Flávio Mendes. *Raízes judaicas no Brasil*. São Paulo: Nova Arcádia, 1992.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *O Shabat*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PÓVOA, Carlos Alberto. *A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo*. São Paulo: Humanistas, 2010.
- SCHLESINGER, Michel. *Revista História Viva — Grandes Religiões — 2. Judaísmo, o culto à Torá e a saga do povo judeu*. São Paulo: Duetto, 2008.
- TALMUDE Babilônico. *Tratado de Eiruvim*, 13b.

Liturgia Diária:

Agora também em formato grande
(17 cm X 24 cm). Oferece maior praticidade
na hora da leitura. Mais informações:
assinaturas@paulus.com.br



Cristianismo e religiões afro-brasileiras: um diálogo de paz e axé

Tânia da Silva Mayer

O cristianismo é uma religião originalmente periférica, embora tenha se tornado religião de massas. Sua “genética”, se assim podemos dizer, nos ajudará na tentativa de construir um diálogo de paz e axé com as religiões afro-brasileiras. Este artigo destina-se a apresentar traços dessas “tradições”, para realçar que elas tendem à convivência fraterna e ao respeito mútuo.

Introdução

O Brasil é um país de raízes plurais. E isso se deve ao processo de colonização pelo qual passamos. Somos a mistura de muitos povos e nossas matrizes são diversas. A procura por um “purismo” brasileiro é bastante inútil. As culturas, as religiões e as instituições influenciam-se mutuamente, e tem sido assim há tempo. A religião, desde muito, está presente na vida dos brasileiros, produzindo o sentido da vida de milhões de pessoas. O cristianismo é a religião majoritária no país, nas vertentes católica e evangélica. Em número menor, mas com bastante expressividade, estão as religiões afro-brasileiras. Elas se definem pela pluralidade e diversidade dos seus ritos e símbolos. Constantemente são alvos de fanáticos que agem com violência.

1. O cristianismo: um fato de amor e paz

Reportar-nos ao cristianismo é colocar-nos perante um acontecimento fundador de uma experiência que atravessa a história da

*Mestra e bacharela em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. É editora de textos da comissão arqui-diocesana de publicações da Arquidiocese de Belo Horizonte. E-mail: taniamayer.palavra@gmail.com



humanidade. Esse acontecimento-gênese da fé cristã é um evento que ocorre na vida daqueles que são confrontados por ele em suas existências e encontram nele o sentido para a vida. Desse modo, o cristianismo só pode ser compreendido na teia das relações históricas em que o evento-gênese da fé cristã ocorreu, mas não somente.

Precisamente, o acontecimento que gesta a fé cristã é a morte e ressurreição de Jesus. O mundo parou e a terra tremeu (cf. Sl 77[76]) pela tragédia ocorrida com o Nazareno, que passou pela vida fazendo o bem e anunciando um tempo novo de paz e amor. A história humana foi “catastrofada” uma vez por todas com o mistério revelado na aurora de uma cruz banhada em sangue inocente. Até o centurião romano não pôde ficar indiferente à morte do Filho de Deus (cf. Mc 15,39).

A cruz de Jesus é o acontecimento histórico-teológico que dá origem à fé de milhões de pessoas em todo o mundo. A morte e ressurreição que ali os olhos crentes vislumbram é a narrativa do amor que é mais forte que a morte (cf. Ct 8,6). Isso só pode ser compreendido porque a cruz é a união da morte com a vida, para que a vida seja plena. E esse fato é possível porque Deus se compadeceu do homem Jesus crucificado e o acolheu, doando-lhe o amor que o libertou do nada que é a morte. É porque Deus amou Jesus, o seu Filho, morto na cruz, que a humanidade foi amada e salva da destruição definitiva e do aniquilamento eterno.

A morte na cruz sofrida por Jesus é o resultado trágico de uma vida dedicada a Deus e às pessoas. É o fim de uma história que não poderia ter terminado assim. As ações e palavras de Jesus anunciaram e inauguraram a boa-nova do Reino de Deus, na medida em

que denunciavam um sistema sociopolítico e religioso de exclusão e escravidão de minorias e de pobres. Por isso, a fé cristã que nasce do horror da cruz é calcada na esperança de uma vida íntegra e humanizada, isto é, uma vida plena e abundante.

A violência que o Justo sofreu não apagou a perspectiva do Reino que Jesus inaugurou. E o “olho por olho e dente por dente” da lei do talião foi convertido à lógica do amor narrado na cruz: amai-vos uns aos outros e aos vossos inimigos (cf. Jo 15,12; Mt 5,44). A ética do amor do Pai pelo Filho e, nele, pela humanidade inteira, é o caminho da paz que só a justiça constrói. Desse modo, as cristãs e os cristãos são chamados ao exercício do amor que se desdobra em respeito aos irmãos e irmãs, sejam ou não da comunidade cristã. É

esse amor ao outro que permitirá a efervescência de relações fraternas e justas que geram a paz que todos desejam.

O cristianismo é uma das religiões mais perseguidas do mundo. Hoje mesmo temos assistido às perseguições e assassinatos de cristãos, como retaliação por viverem sua fé. No Brasil, essa realidade é diferente. Desde a colonização europeia, nossas terras são predominantemente cristãs e cristãs-católicas. Numa rápida análise dos dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), percebemos que o cristianismo, de vertentes católica e evangélica, é a confissão de fé da maioria dos brasileiros. Por outro lado, percebemos que alguns setores das Igrejas cristãs têm se fundamentado em suas compreensões cristãs para fomentar um número cada vez maior de seus adeptos em cargos políticos. E não sabemos se aí está se fundamentando um projeto de teocracia extremamente perigoso. De maneira nenhuma o cristianismo brasi-

“O cristianismo é uma das religiões mais perseguidas do mundo. Hoje mesmo temos assistido às perseguições e assassinatos de cristãos, como retaliação por viverem sua fé”



leiro é uma religião de minorias, como em outros lugares do mundo.

Por outro lado, no cenário religioso brasileiro estão as religiões afro-brasileiras, que são minorias religiosas em nosso país. São minorias em ao menos duas vias: a primeira, no sentido numérico; a segunda, no sentido de que suas práticas religiosas são perseguidas, muitas vezes por comunidades cristãs, não tendo seus direitos de culto respeitados e garantidos.

Vejamos alguns elementos dessas religiões que devem ser considerados, a fim de que um diálogo de paz e axé seja construído entre o cristianismo e as religiões afro-brasileiras no cenário contemporâneo.

2. Religiões afro-brasileiras: um olhar de fora

“Com licença!” é o pedido que fazemos às pessoas de fé das religiões de matrizes africanas no Brasil, para tratar de assuntos que lhes dizem respeito, com os quais guardamos pouca familiaridade. Nosso discurso sobre alguns aspectos das fés professadas por essas religiões é antes uma observação do fenômeno das religiões de raízes africanas, ou das fés de origens africanas, no Brasil.

A atividade teológica, como bem sabemos, é arraigado exercício da fé que procura sua razão. Teólogas e teólogos são crentes empenhados na elaboração de um discurso sobre as realidades nas quais creem. No entanto, o nosso lugar para discursar sobre outras religiões, e neste caso sobre as de matrizes africanas no Brasil, é o do cientista que observa os fenômenos, a fim de obter resultados pretendidos. No entanto, embora apresentemos algumas questões relativas a essas religiões, nosso conhecimento é restrito, porque nos falta a vivência da fé, proporcionada pela participação nos ritos e símbolos dessas religiões.

Para início de conversa, é importantíssimo pontuar que a abordagem “religiões afro-brasileiras” não é precisa semanticamente. Essa imprecisão semântica no termo cunha-

Percorramos os caminhos da paz

Papa Francisco



“Que uma corrente de esforço pela paz possa unir todos os homens e mulheres de boa vontade. É o forte e premente convite que dirijo a toda a Igreja Católica, e que estendo a todos os cristãos de outras confissões, aos homens e mulheres de qualquer religião, e também aos irmãos e irmãs que não creem: a paz é um bem que supera qualquer barreira, porque é um bem de toda a humanidade. A cultura do encontro e do diálogo é o caminho para a paz.” Papa Francisco

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





do decorre do fato de essas religiões gozarem, em sua maioria, de aspectos confessionais diferentes, divergentes, mas também familiares entre si, de modo que é muito difícil estabelecer, por meio de uma única categoria, toda a pluralidade religiosa representada por esses credos. Nesse sentido, devemos compreender que o termo “religiões afro-brasileiras” não diz respeito a um conjunto único de ritos, símbolos, crenças, costumes, doutrinas etc., mas designa o que no Brasil corresponde a 1% (um por cento) da população que se manifesta crente em alguma fé, segundo o Censo de 2010 do IBGE.

As religiões afro-brasileiras sempre estiveram na esteira do submundo religioso brasileiro. O *status* de religião conferido a esses credos é bastante recente, quando muito essas religiões foram tidas como seitas. Esse fato não é sem razões. As religiões afro-brasileiras, embora não tenham um *corpus* de fé comum, conservam elementos das religiões dos negros oriundos de vários países da África que, transcorridos os anos do tráfico negreiro da Europa com o Brasil, nos solos das Américas tiveram suas práticas religiosas submetidas à clandestinidade.

Nesse sentido, podemos falar em religiões afro-brasileiras, considerando que as fés dos negros que foram trazidos como escravos para o Brasil aqui se confrontaram com outras crenças, como as dos povos indígenas e a do cristianismo europeu, imposto pelos colonizadores. Desse modo, torna-se inútil procurar nas religiões afro-brasileiras somente os elementos das fés africanas nelas presentes, quando estão presentes; é importante investigar os elementos das religiosidades indígena, cristã, kardecista, entre outras, nas quais as

religiões afro-brasileiras beberam, resultando na diversidade das crenças que expressam, já desde os séculos XVIII e XIX.

A investigação dos elementos críveis que compõem as muitas vertentes das religiões afro-brasileiras é tarefa árdua, a ser empreendida por pesquisadores curiosos e dis-

poníveis para mergulhar em águas plurais; e isso já está sendo feito, com chances de que mais pessoas o façam. Nosso trabalho é apresentar alguns traços gerais, presentes nessas religiões, a fim de que preconceitos históricos sejam superados e um diálogo respeitoso seja construído.

Como dissemos, as religiões afro-brasileiras gozam de uma pluralidade que torna bastante difícil expressar a diversidade das crenças, dos ritos e dos símbolos assumidos por elas. No entanto, alguns traços podem ser sublinhados, permi-

tindo-nos estabelecer algumas relações. Em sua maioria, as religiões afro-brasileiras são orais, isto é, todo o conjunto dos ensinamentos da fé são transmitidos através dos mitos e narrativas dos ancestrais a respeito daquilo em que se acredita. Geralmente, a fé é passada dos mais velhos para os mais novos, e não por meio de um *corpus* teológico ou de livros sagrados, como ocorre no judaísmo, no islamismo, no cristianismo etc. A condição de oralidade dessas religiões é um fator que dificulta uma abordagem teológica sistemática de suas tradições. No entanto, é um traço preponderante em tempos empobrecidos de tradições orais.

As religiões afro-brasileiras são, geralmente, monoteístas. Elas acreditam na existência de um Ser Supremo, criador de todas as coisas. Esse Ser Supremo é Olodumare ou

**“torna-se inútil
procurar nas religiões
afro-brasileiras
somente os elementos
das fés africanas
nelas presentes. É
importante investigar
os elementos das
religiosidades
indígena, cristã,
kardecista, entre
outras”**



Olorum. É ele o senhor de tudo o que existe e tudo foi feito por sua vontade. Abaixo de Olorum estão os orixás. Essas fés afirmam que os orixás¹ são as forças da natureza, os ministros de Olorum para cumprirem suas ordens e desejo. Precisamente, os orixás guiam os seres humanos, a fim de que eles tenham uma vida plenificada. Essa compreensão está mais próxima de um conjunto de religiões afro-brasileiras de cultos de nação, como é o caso do candomblé e do batuque.

Por outro lado, as religiões afro-brasileiras de umbandas acreditam na existência das *entidades* e dos *exus*. Estes são subordinados que cumprem ordens e cuidam de limpar o terreiro² após o culto. As *entidades* correspondem aos ancestrais do povo de santo, de sabedoria distinta que, por meio das incorporações, orienta os filhos de santo sobre como devem proceder na vida. Normalmente, esses ancestrais são um *caboclo* ou *cabocla*, um *cigano*, um *preto velho*, um *boiadeiro*, *Pombagira* etc. Essa crença, como dissemos, está mais presente nas umbandas como a macumba, a umbanda branca (de cunho cristão e espírita), a umbanda esotérica e a quimbanda.

Como podemos ver, há muitas ramificações nas religiões afro-brasileiras, que promovem a existência de inúmeros *terreiros* e *altares*, em que brasileiros alimentam sua religiosidade e fé, prestando culto às suas entidades. Não é possível construir traços totalizantes dessas experiências, uma vez que o seu motor parece ser sempre o da pluralidade e da diversidade. No entanto, é possível traçar pontos comuns entre essas religiões. Quem afirma isso é João Luiz Carneiro (2014, p. 23). Segundo ele, há pontos comuns que relacionam e interligam todas as religiões afro-brasileiras em seus aspectos culturais.

1 Entre os orixás mais conhecidos estão Iemanjá, Xangô, Exu, Iansã, Oxóssi, Oxum, Tempo, Oxalá, entre outros.

2 O terreiro é o Ilê, onde o povo de santo se reúne para suas práticas rituais.

Globalização, gênero e construção da paz

O futuro do diálogo interfé

Kwok Pui-Lan



Na Conferência Madeleva, na Faculdade de Santa Maria (Notre Dame, EUA), de 2011, Kwok Pui-Lan, uma das mais proeminentes teólogas feministas pós-coloniais, discute o futuro do diálogo interfé. Ela mostra como a globalização impactou as relações e o diálogo inter-religioso, e demonstra que o futuro do diálogo interfé deve incluir as vozes marginalizadas que não têm sido convidadas à mesa, especialmente as mulheres. Este livro é o resultado dessa conferência.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





São religiões que pressupõem a iniciação dos que delas participam; são bastante musicais, uma vez que se acredita que a música permite a manifestação das divindades; são cultos em que o transe é elemento constitutivo; são religiões em que o corpo e as expressões corporais são profundamente valorizados.

Embora compreendamos a pluralidade e a diversidade das fés professadas pelas religiões afro-brasileiras, e com isso fique clara a dificuldade para estabelecer uma terminologia única para expressá-las, o fato é que o termo assumido para denominá-las é importante, porque nos permite não somente perceber o vasto universo dessas crenças, como também reconhecer os irmãos e irmãs que delas participam e nelas encontram o sentido para as suas existências. E ao lado da revelação de uma profunda identidade religiosa desses grupos, encontramos as marcas culturais fundacionais deste imenso país chamado Brasil.

3. Sincretismo: a resistência da fé

Há um consenso de que as religiões afro-brasileiras são, originalmente, sincréticas. Compreensão que não está de todo equivocada. As religiões afro-brasileiras apresentam elementos sincretizados entre si e em relação a outras religiões. No entanto, o sincretismo não é um acontecimento somente nessas religiões. Engana-se quem pensa que as grandes tradições religiosas, orientais e ocidentais, não apresentam elementos sincretizados de outras religiões. O sincretismo é mais comum do que imaginamos, e não é um evento particular das religiões brasileiras.

Subjacente ao tema do sincretismo religioso está posta a questão da “pureza” da religião. Por “pureza” religiosa compreende-se a ausência de relações de influência de determinada religião ou cultura sobre uma religião em ques-

tão. A religião “pura” seria aquela que nunca se misturou com quaisquer aspectos de outras religiões e culturas, mantendo-se intocada nas propostas dos fundadores e nas normas e ideias expressas em seus textos sagrados.

Essa ideia de “pureza” não se sustenta diante do fato de que, embora as religiões cul-

tivem aspectos transcendentais, que são do âmbito da fé, aspectos esses que remetem a outros planos e dimensões de existência, elas são enraizadas historicamente, contendo aspectos das culturas em que foram gestadas. Nesse sentido, as concepções culturais dos povos influenciarão os sistemas de crenças das religiões e as suas concepções de transcendente e sagrado, e o contrário também é verdadeiro. As concepções transcendentais influenciarão os

sistemas culturais das sociedades.

As religiões estão em constante relação umas com as outras e com as culturas. E é nesse relacionamento que o sincretismo se apresenta como ferramenta bastante acessível. Por sincretismo compreende-se a capacidade de combinar princípios, crenças e outros elementos culturais heterogêneos num único sistema. No sincretismo, os princípios, as crenças ou os elementos culturais sincronizados num único sistema podem ser identificados na relação com o todo, seja o todo das religiões ou das culturas. Nesse sentido, aquilo que foi sincretizado não é amplamente encoberto no interior do sistema que realizou o sincretismo, e, ao contrário do que se pensa, os seus sinais podem ser percebidos e reconhecidos.

O cristianismo é exemplo de religião que passou por muitos sincretismos, desde a sua origem até hoje. Ele irrompe do acontecimento da morte de Jesus e do testemunho de alguns adeptos, no entanto conserva diversos elementos da religião judaica, e não só. O cristianismo também receberá, na sua primavera, influências das culturas e das religiosidades

“O cristianismo é exemplo de religião que passou por muitos sincretismos, desde a sua origem até hoje. A festividade do Natal é elemento sincretizado dos povos pagãos, que cultuavam o deus Sol”



gregas e romanas. A festividade do Natal é, inclusive, elemento sincretizado dos povos pagãos, que cultuavam o deus Sol na época do ano em que os cristãos fixaram a sua festa, já nos primeiros séculos de fé cristã. Os cristãos assimilaram a festa pagã e cultuaram a Cristo, o Sol do Oriente, o Sol da Justiça.

Vertentes neopentecostais do cristianismo, tanto do católico como do evangélico, assumirão alguns aspectos das religiões afro-brasileiras, o que resultará num sincretismo entre o cristianismo e essas religiões. As práticas de transe e a ênfase nas expressões corporais, muito utilizadas nos cultos e orações assumidas por cristãos neopentecostais, são elementos bastante presentes nas religiões afro-brasileiras. No Brasil, muito provavelmente, essa prática entre católicos e evangélicos neopentecostais recebeu influências das religiões afro-brasileiras. E mesmo que se sustente que essas práticas neopentecostais são transmitidas pelos norte-americanos, não devemos desconsiderar que o neopentecostalismo do Norte tenha sincretizado das religiões africanas que lá se estabeleceram nos anos posteriores à escravidão dos negros.

Historicamente, as religiões afro-brasileiras recorreram ao sincretismo com o catolicismo. Conhecemos a história do povo negro que foi trazido para ser escravizado no Brasil e aqui foi obrigado a cumprir as práticas religiosas da fé católica. Esse fato não pode ser ignorado. Muitos negros foram impedidos de praticar suas fés e tiveram de adotar a fé cristã-católica imposta pelos colonizadores, ora sincretizando os santos católicos com as suas divindades, ora os cultuando como possibilidade de uma nova fé. Aqui se abre um novo aporte histórico para o sincretismo no interior das religiões afro-brasileiras: o sincretismo, além de forma criativa para escapar da violência colonizadora, traz em si a capacidade diálogo com outras crenças religiosas e outras concepções culturais.

O teólogo Volney Berkenbrock afirma que o sincretismo das religiões afro-brasileiras deve

Ética, direito e política **A paz em Hobbes, Locke, Rousseau e Kant**

Paulo César Nodari



O contratualismo moderno é o referencial teórico de análise deste livro. Os autores estudados são Hobbes, Locke, Rousseau e Kant. À luz, especialmente, do seu opúsculo, intitulado *À paz perpétua*, Kant recebe acento especial neste estudo, que busca investigar e fundamentar a possibilidade da paz e suas consequências e possíveis implicações à Ética, ao Direito e à Política, tanto no que diz respeito à respectiva época dos autores estudados, como também ao momento atual.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ser lido como “diálogo intercultural”. Isso significa que o sincretismo é um acontecimento cultural e que todas as religiões são suscetíveis a ele. Nesse sentido, gostaríamos de destacar que o sincretismo tem ocorrido como resistência religiosa para salvaguardar a fé, seja ela qual for. O que está em jogo no sincretismo é a fé, que garimpa espaços para continuar existindo como lugar de sentido para a vida. As consequências para as religiões é outra questão que cada uma buscará resolver no desenrolar do tempo.

4. Por um diálogo de paz e axé

Axé é uma expressão muito comum nas religiões afro-brasileiras. Ela é muito mais que um cumprimento, é a comunicação de boas energias, de coisas boas aos outros. As religiões afro-brasileiras têm sofrido forte discriminação no Brasil, sendo taxadas de demoníacas, com *terreiros* e pessoas sofrendo forte retaliação e violência. Na maioria das vezes, isso é provocado pela falta de conhecimento a respeito do culto, dos ritos e dos símbolos dessas religiões, somando-se ao fato de que maioria dos seus adeptos são negros e negras. Com isso, verifica-se que por trás da intolerância religiosa esconde-se um preconceito histórico, arraigado em pessoas de outros credos e religiões.

Entre opositores ferrenhos dessas religiões afro-brasileiras estão católicos e evangélicos neopentecostais. A crença desses segmentos numa plena influência do “demônio” sobre a vida das pessoas faz com que eles interpretem os ritos e símbolos dessas religiões como demoníacos. Uma frente evangélica parece levantar-se cada vez mais para fazer uma preten-

sa justiça com as próprias mãos, na invasão e destruição de terreiros, o que é profundamente repudiável e lamentável. O fato é que segmentos de cristãos estão travando uma guerra santa contra o *povo de santo*.

Conclusão

“por trás da intolerância religiosa esconde-se um preconceito histórico, arraigado em pessoas de outros credos e religiões”

O cristianismo nasce do evento Cristo, a saber, do acontecimento da morte e ressurreição do homem Jesus de Nazaré. O mistério pascal de Cristo é o evento fundador da fé cristã e fora dele ela não existiria. Nesse sentido, podemos dizer que a fé cristã nasce da cruz, ou melhor, da tragédia da cruz. Nela, Jesus foi crucificado pela in-

tolerância e pelo ódio, que fizeram parecer que a violência e a maldade sobressaíam à paz e ao bem. No entanto, a cruz revelou ao mundo que o amor é o caminho para a vida, precisamente porque o amor é que fecunda a fraternidade e a justiça que promovem a paz.

Por essa razão, todo esforço deve ser empenhado na tentativa de construir no Brasil pontes entre o cristianismo e as religiões afro-brasileiras. Ainda que o caráter plural e oral dessas tradições dificulte a abordagem num nível do diálogo inter-religioso, uma vez que é muito difícil o acesso às “fontes” de suas tradições, visto que elas são amplamente diversas, um diálogo de paz e axé deve ser construído. Esse diálogo é fruto do respeito pela fé do outro, entendida como busca de sentido para a vida. Cristãos e cristãs são convidados a compreender as religiões afro-brasileiras como fonte de sentido para um número expressivo de pessoas. As religiões são chamadas a contribuir com a concórdia entre todos: à paz e ao axé. ●

Bibliografia

CARNEIRO, João Luiz. *As religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014.
JÜNGEL, Eberhard. *Dios como misterio del mundo*. Salamanca: Sigueme, 1984.



A importância de Paulo para uma pastoral que dialoga

Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj*

O artigo se detém sobre alguns textos dos Atos dos Apóstolos e das Cartas de Paulo, com o objetivo de compreender as atitudes de Paulo com relação “aos de fora”, durante sua atividade de anúncio do Evangelho de Cristo. O Concílio Vaticano II e o Documento de Aparecida recordam o apóstolo Paulo quando tratam do diálogo, da missão e da atividade pastoral da Igreja nos tempos atuais.

Introdução

Conduzi-vos com sabedoria para com os de fora, aproveitando bem a oportunidade. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um (Cl 4,5-6).

Os Atos dos Apóstolos e as epístolas paulinas testemunham que o anúncio do evangelho, desde os seus primórdios, dirigiu-se aos “de fora”. Em período posterior, contudo, a cristandade fechou-se ao diálogo, principalmente quando o racionalismo e o empirismo modernos viram nos postulados da religião uma afronta aos princípios da cientificidade positiva que se impunham naquele momento da história. De fato, a expressão “os de fora”, de Cl 4,5, caracteriza de modo apropriado o mundo moderno, pois este se configurou, principalmente, como secular.

Sentindo-se questionada pelo modernismo, a Igreja voltou-se para as palavras da primeira epístola de Pedro: “Estai sempre preparados para dar resposta ante todo aquele que

*Graduada em Filosofia e em Teologia. cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE (MG). Atualmente, leciona na pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas — teologia apocalíptica* (Paulinas). E-mail: aylanj@gmail.com.



pedir razão da esperança que há em vós” (3,15). A Igreja compreendeu essas palavras como um indicativo de defender-se daqueles que eram tidos como sendo inimigos da fé. No entanto, não é de apologética que trata esse versículo bíblico. Ao contrário, significa assumir uma postura lúcida de diálogo com o contexto no qual a comunidade cristã está inserida; aliás, foi essa a atitude dos Padres da Igreja no período pós-apostólico. Estes se preocuparam em responder às questões daquela época, confrontando objeções e procurando alternativas no âmbito da linguagem e da experiência vivida por seus contemporâneos, que muitas vezes foram críticos dos enunciados cristãos.

1. “Deus não discrimina as pessoas” (At 10,34)

Conforme os Atos dos Apóstolos, essas palavras de Pedro na casa do centurião romano Cornélio instauram o primeiro encontro do evangelho com os gentios, ou seja, com as pessoas que não faziam parte dos filhos de Israel.

É bem verdade que, a partir do evento de Pentecostes, a comunidade dos seguidores de Jesus foi movida por um forte impulso missionário, graças ao Espírito Santo. Contudo, não estava suficientemente claro, para a comunidade dos primórdios, que o evangelho deveria ultrapassar as fronteiras do povo de Israel. O trecho de At 10,1-35 nos assegura que Pedro resistiu à evangelização dos gentios por causa de seus preconceitos para com os de fora do judaísmo. Mas, enquanto Pedro ainda hesitava, com receio de desrespeitar os preceitos relativos à pureza expressos na Lei mosaica, o Espírito Santo interveio, ordenando-lhe sair de casa e acompanhar os homens enviados pelo centurião romano (At 10,19-20).

O autor bíblico também atribui ao Espírito Santo o direcionamento dado a Filipe (At

8,29) para anunciar o Cristo ao ministro da rainha da Etiópia, leitor atento das Escrituras e desejoso de entender o livro do profeta Isaías. Também foi o Espírito Santo quem guiou os passos missionários do apóstolo Paulo em direção à Macedônia (At 16,6-10). Isso significa que a abertura da Igreja em relação aos de fora foi decidida e impulsionada por Deus mesmo.

“a partir do evento de Pentecostes, a comunidade dos seguidores de Jesus foi movida por um forte impulso missionário, graças ao Espírito Santo”

2. Paulo em Filipos: o desafio de anunciar o evangelho numa grande cidade

O relato dos Atos dos Apóstolos nos informa que, sob a ordem divina para que se dirigisse à Macedônia, o apóstolo Paulo chegou a Filipos, proeminente colônia, porta de entrada para a Europa.

Paulo levou o evangelho aos filipenses, possivelmente durante a segunda viagem missionária (cf. At 15,36 -18,17), por volta do ano 48 d.C. Chegou a Filipos, em companhia de Silas, sem conhecer ninguém na região. Os judeus ali residentes deviam ser poucos, pois a narrativa descreve que se reuniam à margem de um rio ou riacho (cf. At 16,12-13). Ao afirmar que na cidade não havia sinagoga, o texto bíblico refere-se possivelmente à existência de judeus helenistas, que eram diferentes dos que viviam na Terra Santa. Os judeus helenistas tinham por idioma o grego e estavam espalhados nas regiões ao longo do Império Romano. Eles tinham uma mentalidade mais aberta porque estavam constantemente em contato com outras culturas. Mas, mesmo fora da Terra Santa, eles cumpriam as normas fundamentais da fé judaica, apesar de não serem tão estritos, no que se referia aos inúmeros detalhes das prescrições.

Conforme o texto dos Atos dos Apóstolos, Paulo encontrou Lídia (cf. At 16,14), uma comerciante de púrpura, que era “temente a Deus”. A expressão “temente a Deus”



designa uma categoria religiosa bem específica: tratava-se do gentio que simpatizava com a religião judaica, que estava familiarizado com o Antigo Testamento (na versão grega — Septuaginta) e com as práticas do amor ao próximo, da observância do Decálogo (dez mandamentos), da doação de esmolas, da santificação do tempo (fazendo orações em horários definidos) e praticava o monoteísmo ao Deus de Israel. Por causa dessa familiaridade com o universo religioso dos judeus, os tementes a Deus eram conversos em potencial (cf. At 10,2; 13,16; 17,17; 18,7).

Filipos, como toda cidade sob a égide de Roma, desfrutava de relativa diversidade cultural e religiosa, o que se deve ao fato de que numerosas etnias e religiões foram absorvidas durante a expansão do Império Romano. Paulo era permanentemente confrontado com uma realidade complexa, o que naturalmente aumentava o desafio de sua missão evangelizadora. Ao saírem da cidade, Paulo e Silas deixaram uma igreja formada, provavelmente, por judeus helenistas, por “tementes a Deus” e por ex-adoradores de divindades do Império Romano. E, entre as pessoas que colaboraram com os missionários, algumas mulheres são mencionadas. Em Fl 4,2-3, Paulo roga a Evódia e a Síntique que se ponham em harmonia no Senhor. São mulheres evidentemente de destaque na comunidade.

Enfim, apesar da diversidade, todas essas pessoas foram acolhidas dentro da fé cristã; nenhuma delas foi excluída da possibilidade de fazer uma experiência com o Cristo ressuscitado.

3. O anúncio do evangelho no “vastíssimo areópago da cultura” (DA 491)

No perícopo de At 17,15-34, Lucas narra a chegada de Paulo a Atenas, uma cidade com passado ilustre, por sua história e cultura, centro da vida intelectual grega e símbolo da sabedoria e da religiosidade helenísticas. Era o ce-

Paulo para os conquistados Reimaginando a missão de Paulo

Davina C. Lopez



Neste livro, Davina Lopez reinterpretou dramaticamente dois temas recorrentes nos estudos paulinos. Os “gentios” de Paulo ganham um novo e crucial sentido teopolítico. O gênero, na visão de Paulo, também ganha surpreendentes novos horizontes, que reordenam toda a discussão. Com imagens impressionantes do mundo antigo e análises incisivas de escritos, os estudos paulinos ganham ainda mais em qualidade e comprometimento com a história do Apóstolo das Gentes.

Imagem meramente ilustrativa.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





nário adequado para um discurso modelo de anúncio do evangelho no ambiente gentílico externo à sinagoga e desconhecedor das Escrituras e tradições judaicas. O discurso de Paulo testemunha o encontro do evangelho com os filósofos epicuristas e estoicos.

Ao chegar a Atenas, Paulo se dirige, como de costume, primeiramente à sinagoga, coração do judaísmo na diáspora, e ali debate com judeus helenistas e com gentios tementes a Deus. Depois desse episódio, dirige-se aos atenienses de maneira geral, pois estes gostavam de novidades, eram famosos pela curiosidade, inquiriam a respeito de todo assunto, fosse de natureza pública ou privada (VANHOYE, 1999).

Paulo foi levado para o Areópago, colina situada ao sul da Acrópolis, a qual tinha esse nome por causa do deus Ares. O anúncio do evangelho no Areópago é um verdadeiro paradigma de como a missão deve ser realizada em ambiente secular. Podemos elencar algumas etapas pedagógicas:

4. Partir da realidade dos ouvintes (At 17,22-23)

A cidade estava cheia de ídolos. Paulo conclui que os atenienses são escrupulosamente religiosos, existe até um altar ao deus desconhecido. Já que adoram a quem não conhecem, Paulo afirma que veio para dar-lhes a conhecer esse Desconhecido. Com isso, capta a benevolência dos ouvintes; contudo, o autor dos Atos dos Apóstolos deixa claro ao leitor que anunciar o evangelho não é proposição de nova teoria filosófica, e sim proclamação da fé.

5. Valorizar a cultura dos ouvintes (At 17,24-25)

Para anunciar Jesus Cristo entre os filósofos, Paulo cita diversas expressões muito co-

nhecidas por seus ouvintes: Deus “fez o mundo e todas as coisas” (Platão em *Timeu*, 28); Ele é o “Senhor do céu e da terra” (Cleantes, *Hino a Zeus*, 5); “não habita em templos feitos por mãos humanas” (Zenão, citado por Clemente de Alexandria, *Stromateis*, 5.76, 1); “não necessita de coisa alguma” (Fi-

lodemos, citado por Eusébio, *Praeparatio Evangelica*, 13.12, 3). (VANHOYE, 1999)

6. Em Jesus, Deus se aproximou definitivamente do ser humano (At 17,26-31)

Paulo continua a citar os filósofos e os ouvintes permanecem atentos. O missionário pretende chegar ao objetivo de seu discurso: apresentar Jesus e seu evangelho. “Nele vivemos, nos movemos e somos” (Epiênides de Knosos); “porque também somos de sua raça” (Arato, *Phaenomena*, 5; Cleantes, *Hino a Zeus*, 4). Sendo da raça divina, o ser humano é a verdadeira imagem, e não os ídolos fabricados pela arte humana. Portanto, é através do homem Jesus que Deus se aproxima da raça humana.

Jesus é o Homem por excelência, por isso o Criador julgará o ser humano tendo como critério a verdadeira imagem de Deus, o homem ressuscitado dos mortos, Jesus Cristo.

7. O evangelho avalia as culturas (At 17,32-34)

Paulo não conseguiu muitas conversões com seu anúncio, pois, apesar do esforço de inculturação, poucos aderiram à mensagem cristã. A fé na ressurreição era incompatível com a forma greco-filosófica de pensar a imortalidade da alma. Isso significa que, no encontro entre o evangelho e as culturas, há elementos nucleares da fé cristã dos quais não se pode abdicar. O cristianismo não pode renunciar à fé na ressurreição em nome da

“O anúncio do evangelho no Areópago é um verdadeiro paradigma de como a missão deve ser realizada em ambiente secular”



inculturação, mesmo que isso leve a um menor número de cristãos no mundo.

Considerações finais

O Espírito Santo, nos dias de hoje, ainda mantém a comunidade eclesial aberta ao dinamismo missionário e ao diálogo com as culturas, com as ciências e com as mais diversificadas expressões de fé. O Vaticano II recorda-nos, a partir das palavras de Paulo aos romanos, que a vocação missionária da Igreja visa ao serviço do evangelho, “a fim de que a oblação dos gentios seja aceita e santificada no Espírito Santo” (Rm 15,16; AG 23).²

E, passados dois mil anos, ainda é a figura do apóstolo Paulo que nos educa na abordagem com “os de fora”. Prova disso é que a última Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano insiste:

Queremos felicitar e incentivar a tantos discípulos e missionários de Jesus Cristo que, com sua presença ética coerente, continuam semeando os valores evangélicos nos ambientes onde tradicionalmente se faz cultura e nos novos areópagos... Na cultura atual, surgem novos campos missionários e pastorais que se abrem (DA 291 e 293).

O estudo breve que aqui fizemos desses poucos trechos bíblicos nos mostra a que veio o cristianismo: não estamos inseridos no mundo para formar um gueto nem para excluir aqueles que pensam e agem de modo diferente do nosso modo de ser. O diálogo com “os de fora”, o encontro entre o evangelho e as culturas, “nasce do amor apaixonado por Cristo, que acompanha o Povo de Deus na missão de inculturar o evangelho na história, ardente e infatigável

² Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2014

Paulo no mundo greco-romano Um compêndio

Paul Sampley



Paulo no mundo greco-romano deverá ser consultado com grande proveito pelas pessoas interessadas em situar Paulo em seu mundo. Este livro nos obriga a pensar seriamente na relação entre cultura e o contexto na apresentação paulina do Evangelho, de um modo que faz jus à complexidade da questão. Não é apenas um valioso compêndio de pesquisa, mas um livro importante, que por si mesmo merece ser lido como uma séria contribuição aos estudos paulinos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





em sua caridade samaritana” (DA 491). É na caridade samaritana de Cristo e da comunidade eclesial que nos dirigimos “aos de fora”, não como proselitistas preocupados em aumentar o número de adeptos,

mas com a intenção de servi-los, com a mesma atitude do samaritano na estrada de Jerusalém a Jericó (Lc 10,30-35), atendendo à ordem de Jesus que diz: “Vai e fazes tu o mesmo” (Lc 10,37). ●

Bibliografia

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.

CELAM. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 4. ed. São Paulo: Paulus; Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2014.

FITZMYER, Joseph A.; BROWN, Raymond E.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.

VANHOYE, Albert. The discourse at the Areopagus and the universality of truth. *L'Osservatore Romano*, Cidade do Vaticano, 24 fev 1999.

Liturgia Diária

O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

Para fazer assinatura entre em contato com o setor de assinaturas da Paulus:

Tel.: (11) 3789-4000 • 0800-164011

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Presbítero da Diocese de Botucatu. Pároco da Igreja Santo Antônio de Pádua, Rubião Junior, Botucatu-SP. Diretor de Estudo do Seminário Arquidiocesano São José de Botucatu. SP; coordenador de Pastoral da Região Pastoral 1 da Arquidiocese de Botucatu; mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP); graduação em Teologia pela FAJE, BH. E-mail: parraz@uol.com.br.



Pe. Ivonil Parraz*

Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus
1º de janeiro

A bênção de Deus

I. Introdução geral

As três leituras da solenidade da Santa Mãe de Deus tratam de bênção, filiação e salvação (nome Jesus). A bênção de Deus sobre todos os seus filhos e filhas plenifica-se com a presença do “Deus que salva”. Jesus é a bênção de Deus por excelência! A face de Deus que resplandece no meio de nós!

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Lc 2,16-21

Os primeiros a receber a Boa Notícia do nascimento do Salvador foram os pastores. Estes representam duas categorias de pessoas: a) na sociedade judaica, os pastores eram pessoas que ocupavam um dos lugares mais baixos da pirâmide social. Eram analfabetos, por isso não conheciam a Sagrada Escritura, não tinham acesso à vontade de Deus expressa em suas leis. Além



disso, o seu ofício impedia-os da frequência assídua à sinagoga para ouvir a Palavra de Deus. Com efeito, eram considerados pecadores! Eram desprezados por todos, pois era comum o rebanho provocar perturbação por onde passava; b) os pastores apresentados por Lucas representam todos os profetas do Antigo Testamento que esperavam o Deus Salvador! Por que os pastores foram os primeiros a receber a Boa Notícia do nascimento de Jesus?

Os pobres, privados das “boas notícias” do mundo — eles não despertam nenhum interesse nos portadores do poder —, estão sempre abertos a receber a Boa-Nova vinda de Deus. O Pai se interessa por eles! Como representantes dos profetas, eles se alegram: a esperança, nascida da fé nas promessas de Deus, nunca decepciona. Ela é sempre experimentada na alegria, pois em Deus há sempre o amanhã.

Os pastores vão “às pressas a Belém”. A alegria nascida da esperança sempre nos põe “às pressas”. Mas “às pressas” só devemos ir à Belém! Lá não há nada de extraordinário: um menino deitado na manjedoura com seu pai e sua mãe. O Deus dos profetas, aquele que se põe ao lado dos desvalidos, é um Deus Misericordioso, cujo poder está no Amor. Ora, o Amor não faz espetáculo. Para Deus, basta uma manjedoura fria, aquecida pelo amor de Maria!

“Tendo-o visto, contaram o que fora dito sobre o menino” (v. 17). Aqueles que não conheciam a Palavra de Deus passam a ser anunciadores da Boa-Nova. Os pecadores anunciam a chegada de Deus! Quem recebe uma Boa Notícia e se alegra com isso não se cansa de anunciá-la para que todos participem da mesma alegria. E todos que os ouviam ficavam maravilhados. (v. 18).

As maravilhas que Deus realizou foram a Criação, a libertação da escravidão do Egito e as Tábuas da Lei, mas a maior de todas elas foi o envio do seu Filho único para nos salvar. Os pastores são os primeiros a recebê-la e os primeiros a anunciá-la! Maria já conhecia essa maravilha maior. Em seu *Magnificat*, já

cantara que nela Deus realizou maravilhas! Todos os acontecimentos, ela guardava em seu coração (v. 19) e meditava sobre eles. Em sua postura orante, em todos os acontecimentos da vida, Maria via a presença de Deus. Rezar sobre o que nos acontece, ver nos acontecimentos a presença do divino, eis a mais bela oração que podemos fazer a Deus!

“Os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido” (v. 20). Eles voltam anunciando o evangelho com alegria numa verdadeira festa litúrgica. A visita a Belém provoca neles uma verdadeira transformação: voltam como missionários da Boa-Nova, celebrando o encontro com o Deus menino, celebrando a vida.

Entre os israelitas era costume que o pai desse o seu nome ao filho. José não segue esse costume para assinalar que tudo em Jesus vem do Pai. Por vir do Pai, Jesus é a bênção por excelência de Deus sobre todos os povos! Bênção que se traduz em filiação divina; ou seja, com Jesus, toda a humanidade torna-se herdeira do Pai.

O que nos ensina o Evangelho?

a) Deus comunica-se conosco até mesmo em nossas trevas: nas nossas noites escuras, como aos pastores. Não procuramos Deus alhures, mas em nosso cotidiano, em nossa vida!

b) O Deus menino na manjedoura nos revela o modo de agir de Deus: nada de espetáculo, ele se abaixa para nos pôr de pé. Aprendamos a lição da manjedoura: devemos nos revestir de humanidade (humildade) para acolher a divindade!

c) As nossas trevas transformam-se em luz quando recebemos a Boa-Nova de Deus. Nele, o sol sempre brilha, pois temos sempre o amanhã. Que nenhuma boa notícia do mundo ofusque a alegria verdadeira que poderá vir somente do Pai.

d) Mas a Boa-Nova do Pai, se de fato nos alegra, transforma-nos: passamos a ser missio-



nários do amor de Deus e celebrantes da vida. A nossa celebração litúrgica, quando não celebra a vida, celebra os funerais de Deus! E quando vamos à celebração com as mãos vazias, ou seja, sem ser missionários, tal como os pastores, vamos para o velório de Deus! Onde perdemos a alegria que contagiou os pastores?

e) Conseguimos encontrar na fragilidade da criança, envolta em trapos, a nossa proteção? Como esse Deus que salva choca com a salvação que o mundo oferece!

2. I leitura: Nm 6,22-27

No Primeiro Testamento, a relação entre Deus e o ser humano passava pela mediação. A bênção de Deus ao ser humano pecador só era concedida através de um mediador indicado pelo próprio Deus. Até Jesus Cristo, o único mediador, os sacerdotes eram os que exerciam a função de mediação.

A bênção de Aarão, tal como nos apresenta o livro dos Números, satisfaz três desejos profundos do ser humano:

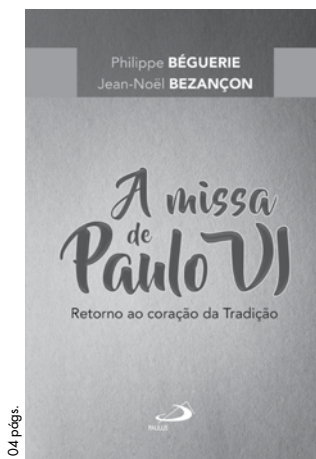
a) A bênção protetora: “O Senhor te abençoe e te guarde!” (v. 24). Ao não mais habitar o jardim — fomos criados para morar no jardim — por causa do pecado, o ser humano se expôs a toda sorte de perigo. Todo o tempo corre o risco de sofrer as consequências do pecado. Ele necessita do cuidado de Deus! Com a bênção divina, sente-se protegido, cercado pelo carinho do Pai.

b) A bênção do perdão: “O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti!” (v. 25). A face resplandecente do Senhor simboliza comunhão: pois “Deus se compadece de ti!” O pecador, contrito e humilhado, ao receber a bênção do Senhor, recebe o seu perdão. O coração compassivo do Pai deixa-se mover pelo coração contrito de seu filho!

c) A bênção da paz: “O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz!” (v. 26). A paz, na concepção judaica, significa celeiros cheios, gado gordo no pasto, todas as dívidas pagas... Ora, o pecado traduz-se numa dívida impa-

A missa de Paulo VI Retorno ao coração da Tradição

Philippe Béguerie e Jean-Noël Bezançon



No momento em que a Igreja Católica celebra 50 anos da convocação do Concílio Vaticano II, pareceu-nos importante tentar salientar a origem, os objetivos, o conteúdo e os desafios da última reforma litúrgica registrada referente à missa: aquela que foi elaborada sob a direção e a autoridade de Paulo VI a pedido desse concílio. Para além da própria reflexão histórica, litúrgica e teológica, o livro convida para uma atitude de ação de graças, por esse “retorno ao coração da Tradição”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





gável que temos para com Deus. Apesar disso, Deus não recusa o seu perdão, a sua paz!

“Há um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus” (1 Tm 2,5). Jesus é a bênção encarnada do Pai! O rosto de Deus que brilha no meio de nós! A face do Pai que se volta para todos os seus filhos e filhas! A nossa verdadeira paz: nele todas as nossas dívidas foram pagas! Nele, o coração misericordioso do Pai palpita entre nós. Em Jesus — o Deus que salva —, somos todos herdeiros do Pai!

3. II leitura: Gl 4,4-7

Na plenitude dos tempos, Deus enviou ao mundo seu único Filho (v. 4). Homem no meio dos homens, Jesus trouxe-nos a filiação divina. Nascido de mulher, portanto sujeito à lei, ele liberta-nos da sua sujeição, pois nele toda lei se cumpriu: ele é a plenitude da lei. Ora, o espírito da lei ou seu fundamento consiste no amor! Jesus, cuja vida foi entrega total por Amor, expressa o espírito da lei. Por isso, ele é a sua plenitude. Nós, submissos à letra da lei, passamos a vivenciar o espírito dele. Doravante, a presença de Deus no meio de nós não se dá mais pela submissão à lei, mas pela relação amorosa: Pai e filhos! Amando incondicionalmente a Deus e obedecendo somente a ele e, ao mesmo tempo, amando a cada um de nós, Jesus nos ensinou o que, de fato, consiste em ser filhos de Deus Pai! No amor, recebemos o Espírito do Filho que clama *Abbá* (v. 6). É por isso que em Jesus somos herdeiros, não mais escravos. Com Jesus, o Amor é a nossa lei!

4. A solenidade da Mãe de Deus

“Nascido de mulher”, Deus se faz um de nós! Maria apresenta-se como a porta aberta pela qual Deus fez sua entrada no meio da humanidade. Maria acolhe e dá à luz a luz! O cristão é chamado por Deus a ser como Maria: aquele que o acolhe permite Deus realizar nele maravilhas e dá ao mundo o seu Filho amado. Vivendo movido pelo Espírito,

vive como luz e, por isso, oferece ao mundo a verdadeira luz: Cristo Jesus!

Epifania do Senhor

8 de janeiro

A manifestação de Deus

I. Introdução geral

Deus manifesta a todos os povos o seu plano de Amor. Jesus é a concretude do desígnio de salvação do Pai. Ninguém está excluído! Mas para entender esse misterioso plano, necessário se faz entender o modo como Deus se manifesta. Deus é Salvador, mas se manifesta na fragilidade de um recém-nascido! Deus é luz, mas se apresenta no meio de nós na escuridão de uma manjedoura! Só podemos nos incluir no projeto do Pai se aprendermos a Amar. Somente assim a luz brilhará em nós. Nossas comunidades acenderão suas luzes de fraternidade e justiça quando acolherem a luz!

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mt 2,1-12

Os magos do Oriente que vêm adorar o menino Jesus são pagãos. Conhecem as estrelas, mas não a Sagrada Escritura. Não sabem onde haveria de nascer o “Rei dos Judeus”. Seguem a estrela, ou seja, deixam-se guiar pelo mistério. Buscam sinceramente a verdade e não medem esforços para encontrá-la. Eles querem adorar um recém-nascido!

Estranho rei: anunciado pelas estrelas, ignorado pelos homens. Não é romano nem designado por Roma. Que rei é esse? Herodes, o rei dos judeus nomeado e enviado pelo império, é pego de surpresa! Mas não só: também a liderança religiosa entra em confusão! Ela, que tinha todo o controle dos desígnios de Deus,



pois julgava conhecê-los profundamente, pois era a autoridade na interpretação da Sagrada Escritura, conhece o lugar do nascimento do Menino, mas desconhece que ele já se faz presente na humanidade. Não se interessa por ele, não vai adorá-lo. Ao contrário, os magos desconhecem o lugar do nascimento, mas sentem a presença de Deus, se interessam por ele e vão adorá-lo! O que fazer com esse rei intruso? Um recém-nascido ameaça os poderosos! A solução que Herodes conhece diante da ameaça é o extermínio.

Nessa narrativa de Mateus encontra-se em resumo tudo o que Jesus vai enfrentar ao longo de sua vida: fúria e perseguição do poder político; indiferença e rejeição do poder religioso. Quem acolherá Jesus? Todos aqueles que buscam sinceramente Deus! Pois se o buscam é porque já o possuem!

Os magos seguem a estrela. Em Jerusalém, ela deixa de brilhar. Talvez porque no centro do poder o que predomina são as trevas: perseguição, morte, corrupção, toda espécie de falcaturas. Tudo vale para não perder o poder! Mas podemos ver a estrela como símbolo da fé. Quando nos deixamos guiar pela fé, encontramos Jesus, pois ela sempre nos conduz a ele. Quando passamos por Jerusalém (centro do poder), deixando a fé de lado, perdemos-nos em meio à escuridão! Fora de Jerusalém, a estrela volta a brilhar e enche de alegre esperança os magos. Eles encontram o menino. De joelhos, eles o adoram e a ele oferecem seus presentes: ouro, incenso e mirra.

A simbologia dos presentes apresenta-se particularmente interessante: o ouro representa a riqueza. Toda riqueza que existe deve ser posta a serviço da felicidade do ser humano. Ao oferecer ouro ao menino, os magos reconhecem, assim, a dignidade da pessoa humana. Tudo deve ser subordinado a ela, e jamais ela ser subordinada à riqueza! O incenso indica que o ser humano não se limita à sua existência aqui e agora, ele ultrapassa esse mundo e desemboca no divino; ou seja, o ser

humano é chamado a participar da própria vida divina. Assim, o humano é sobre-humano, ou, como afirmara Pascal: “O homem ultrapassa infinitamente o homem” (Pensamentos, 434). A mirra era usada para a cura, para aliviar as dores. Assim, o ser humano precisa de cuidado, de consolo para os seus sofrimentos. Violência e agressão opõem-se ao humano: são desumanos!

O mundo do poder parece-nos grandioso: nada pode destruí-lo. Alega ser necessário se impor sobre a nossa imaginação como o único a estabelecer a ordem e a justiça, e a defendê-la. Mas sua fraqueza é gritante: não suporta o inocente e o justo, “busca sempre o menino para matá-lo” (PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p25).

A estrela (fé) nos propõe outro caminho, para a periferia de Jerusalém (centro do poder), oposto ao caminho de Herodes! Deus nos convida a ver a força num recém-nascido e a fragilidade no soberano. Somente com essa visão se pode descobrir a presença de Deus na pessoa humana.

O recém-nascido é rei. Ele introduzirá no mundo o Amor: único poder que nem mesmo a morte poderá vencer! Sem violência, ele destrói todas as armas dos poderosos. Eis o Deus que se manifesta ao mundo! Eis a luz que afugenta todas as trevas! Deus se mostra às claras ao ser humano e mostra o ser humano às claras para si mesmo!

Por mais que o mundo esteja dilacerado pela violência, por mais que presenciemos a maldade, o amor existe e sempre tem a última palavra. Se o amor existe, Deus, portanto, existe, pois é Amor (1Jo 4,8). Ora, esse Deus se oferece a nós, manifesta-se a nós! Diante desse Deus Amor, só pode brotar do nosso ser mais profundo a verdadeira alegria, a adoração contemplativa, a admiração silenciosa! Já não há lugar para as trevas, tudo é luz!

“Avisados em sonhos”, os magos retornam por outro caminho (v. 12). “Caminho” na Sagrada Escritura é símbolo de opção de



vida. Os magos, que retornam por outro caminho, optaram por Jesus, pobre e indefeso, portanto modelo do não poder. Ao optar por aquele destituído de todo poder, colocam-se contra todos aqueles que rejeitam o menino: Herodes que mata vida inocente; lideranças religiosas indiferentes aos fragilizados!

2. I leitura: Is 60,1-6

O povo de Judá, de volta do exílio, trabalha para reconstruir a cidade e o templo. Isaías busca suscitar no povo repatriado a reconstrução não somente da cidade, mas também da sociedade. Que esta seja reconstruída segundo os liames da fraternidade e da justiça, seguindo os ensinamentos dos profetas antigos. Somente assim brilhará em Jerusalém uma nova glória!

“Levanta-te, Jerusalém, acenda as luzes, porque chegou a tua luz” (v. 1). As luzes que Jerusalém deve acender são exatamente a fraternidade e a justiça, porque o Senhor, a tua luz, está perto! Todos os teus filhos serão devolvidos! Serão atraídos pela luz! Pois somente Deus salva o seu povo eleito.

“Teus filhos vêm chegando de longe” (v. 4). Os Magos que vêm do Oriente para adorar Jesus representam todos os povos dispersos que voltam em busca da luz! Eles realizam a profecia de Isaías.

3. II leitura: Ef 3,2-3a.5-6

Nesse capítulo de sua carta aos cristãos de Éfeso, Paulo fala do projeto de salvação “secreto” e “revelado”, ou seja, de revelação e mistério. Pela graça, Deus revela a Paulo o seu misterioso plano. Paulo o concebe na seguinte perspectiva: a revelação parte de Deus. Esta se concretiza em Cristo Jesus. Seu prolongamento dá-se na Igreja (povo de Deus).

O mistério de Cristo (concretude do “misterioso plano de Deus”), na visão de Paulo, traduz-se como a salvação universal da humanidade e de todo o cosmo. Mistério

que é a manifestação da realidade divina transmitida a todos!

Paulo concebe a Igreja como um corpo cuja cabeça é Cristo: todos “são membros do mesmo corpo” (v. 6). Com efeito, Cristo está no meio de nós, sua Igreja! Ele, ressuscitado e na glória do Pai, volta a nós não como um enviado poderoso, mas nas relações fraternas e na prática caritativa de um povo que vive a comunhão, ou seja, numa Igreja que é espaço de misericórdia! Nesta há lugar para todos. Pois, em Cristo, todos os povos, judeus e gentios, são associados “à mesma promessa”, “à mesma herança” (v. 6).

A Igreja — prolongamento do plano amoroso do Pai — manifesta o Cristo presente em nosso meio! Ela, portanto, é luz que brilha no meio da humanidade. Todos os povos a ela acorrem e tornam-se um único povo: o povo eleito do Pai! Sob o domínio de Cristo, cabeça da Igreja, obedecendo à sua Palavra e a praticando, o mundo é salvo.

III. Pistas para reflexão

Em nossa vida e na vida de nossas comunidades, manifestamos o Senhor ou as nossas “luzes” ofuscam a verdadeira luz? Elas são verdadeiramente prolongamento do plano salvífico do Pai ou mais se parecem com um clube de amigos no qual não há mais lugar para ninguém? Como podemos deixar que o Senhor se manifeste no meio de nós se nos comportamos como barreiras — com preconceitos, rivalidades, sendo os donos da verdade, os puros... — entre os irmãos e ele? A nossa fé guia-se pela luz ou às vezes nos deixamos seduzir pelas luzes do poder, do dinheiro, das ilusões de uma sociedade do espetáculo? Nosso encontro com o Deus Salvador faz-nos optar por outro caminho, como fez aos magos? Caminho que condena todos os sistemas que matam os inocentes e fazem dos pobres — aqueles que não têm como responder aos apelos do consumo — estranhos na sociedade que, por isso, devem



ser excluídos? A manifestação do Senhor nos faz profetas? Caso contrário, será apenas mais uma luz, uma boa luz, a brilhar no grande palco montado pela “sociedade do espetáculo” para nos divertir, ou seja, alienar-nos da nossa transcendência e nos asfixiar nessa imanência!

2º Domingo do Tempo Comum
15 de janeiro

Ele tira o pecado do mundo

I. Introdução geral

O tema vocação liga as três leituras deste domingo. Na primeira leitura, o servo é chamado, desde o ventre materno, a unir Israel e ser luz para todas as nações. Como servo, Deus o prepara para levar a salvação a todos os povos. Na segunda leitura, Paulo fala da vocação primeira à qual Deus nos predestina: a vocação à santidade. Somos chamados a ser santos! Quem nos santifica é o Filho de Deus! No evangelho, João nos fala da vocação de João Batista: precursor do Messias! Apresenta também, através do testemunho do Batista, que Jesus é aquele que nos mergulha no Espírito de Deus. Pelo batismo no Espírito Santo, somos chamados a nos configurar em Cristo Jesus.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho: Jo 1,29-34

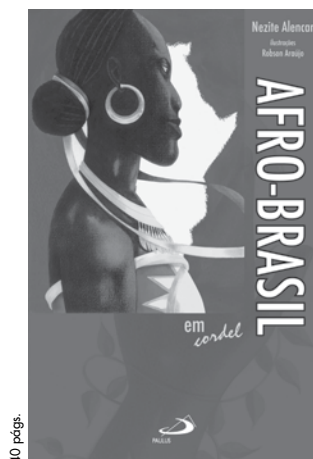
Ressalta-se no texto de João o testemunho de João Batista sobre Jesus. Tal testemunho expressa-se em três assertivas distintas: Jesus como Cordeiro de Deus, o Espírito que desce e permanece em Jesus e Jesus o Filho de Deus.

a) O Cordeiro de Deus

Ao ver Jesus se aproximar, João diz que ele “é o Cordeiro de Deus que tira o pecado

Afro-Brasil em cordel

Nezite Alencar



Escrito em poesia narrativa, popular e com muitas rimas, *Afro-Brasil em cordel* é um grito para a sociedade que ainda cultiva o racismo e o preconceito. A obra permite ao leitor conhecer a verdadeira história da África e sua civilização, além de contar como eram as lutas dos escravos pela liberdade. Fundamental para introduzir jovens na valorização da cultura popular e da conscientização da questão racial no Brasil.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





do mundo” (v. 29). O título “Cordeiro de Deus” que João dá a Jesus corresponde ao quarto cântico do profeta Isaías: “Como cordeiro levado ao matadouro ou ovelha diante do tosquiador” (Is 53,7). Pode-se dizer que, com o referido título, João declara que Jesus é o servo sofredor. Mas não só: João diz que o servo sofredor tira o pecado do mundo. Nota-se que a afirmação está no singular: o pecado do mundo. Tirar significa levar embora. Jesus leva embora o pecado do mundo. Mas que pecado é esse? O pecado da não crença em Jesus, o pecado da incredulidade.

Em Jesus, não encontramos somente o perdão dos pecados; nele há também a possibilidade de ser tirado o pecado, a injustiça e o mal que nos dominam. Crer em Jesus não se limita a aceitar seu perdão! Crer em Jesus, seguir seus passos, consiste em lutar para o mundo se libertar do pecado que desfigura o ser humano.

Pecar não consiste simplesmente em violar as normas divinas ou a Deus. O pecado ofende o ser humano, pois o atinge em seu ser mais profundo. Desumaniza-o não somente enquanto indivíduo, mas também socialmente. Pecar é recusar Deus como Pai e, conseqüentemente, não aceitar o outro como irmão.

Nesse sentido, pode-se definir o pecado como o fechamento do ser humano em si mesmo. Este fechamento decorre da sua autoafirmação diante de Deus e do outro. Fechar-se em si redonda em recusar relação, ou seja, comunhão.

b) O testemunho de João

João sustenta por duas vezes que não conhecia Jesus, mas professa sua fé nele. Esta se expressa em três afirmações: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (v. 29), “eu vi o Espírito Santo descer, como pomba, e permanecer sobre ele” (v. 32) e “ele é o Filho de Deus” (v. 34). Mas de onde vem essa fé do Batista? Ela vem de sua experiência de Deus: “Aquele sobre quem vires o Espírito

descer e permanecer, é ele quem batiza com o Espírito Santo” (v. 33). A fé de João não se limita em ouvir dizer. Ela se fundamenta em sua experiência de Deus. Ele ouve a voz de Deus e vê o Espírito sobre Jesus.

A Palavra de Deus é promessa que se realiza. Quem a ouve certamente verá. A fé que recebemos no batismo nos convida a ouvir a Palavra de Deus e ver as maravilhas que ela realiza em nossa vida e na vida de comunidade.

A fé de João o leva a aniquilar-se para que Cristo se manifeste: “vim batizar com água para que ele fosse manifestado a Israel” (v. 31). A fé faz com que deixemos Deus se manifestar a todos. Vivemos plenamente a fé não quando julgamos possuir um poder que nos faz ter Deus ao nosso serviço, ou quando a vivemos de maneira intimista — estas são visões utilitaristas da fé, ou seja, visão burguesa da fé —, mas somente quando ela nos leva a nos pôr a serviço dos nossos irmãos! A fé verdadeira nos instiga a ter sempre jarro e bacia na mão! O avental é a veste mais bonita da fé! Desse modo, todos nós, batizados, somos, no mundo, precursores de Jesus, assim como fora João Batista.

c) O Filho de Deus

João Batista declara que ele veio “batizar com água” (v. 31), mas Jesus, conforme a revelação do Pai, “é quem batiza com o Espírito Santo” (v. 33). O batismo do Batista é um mergulho purificador. Nas águas do Jordão, todos aqueles que aguardam o Messias purificam-se! O batismo de Jesus consiste num mergulho no Espírito Santo. Somos imersos no Espírito de Deus! Como reconhecê-lo em nós?

O Espírito Santo é Espírito de vida. Na criação, “o Espírito pairava sobre as águas” (Gn 1,2). Quando Deus criou o ser humano, “soprou o sopro da vida e ele se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). Após a ressurreição, Jesus soprou sobre os seus discípulos e disse: “recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22). Em Jesus, toda a humanidade é recriada. Assim, o Espírito de Deus age em nós todas as vezes que



lutamos em favor da vida! O Espírito Santo nos move sempre quando criamos condições para que a vida aflore e, com isso, expulsamos do meio de nós os reinos da morte!

O Espírito Santo é Espírito da Verdade: “Quando ele vier, o Espírito da Verdade vos guiará em toda verdade” (Jo 16,13). O Espírito da Verdade age em nós, pois é ele quem nos remete a Cristo: ele faz em nós a memória de Cristo! Assim, quando agimos na verdade, quando a buscamos porque é a nossa verdade, porque nos humaniza, estamos sendo inspirados pelo Espírito Santo!

O Espírito Santo é também o Espírito de Amor: ele é o laço que entrelaça o amante (Pai) ao amado (Filho). Quando amamos, comungamos com Deus Trindade. Entrelaçamo-nos à comunhão trinitária! Com efeito, praticamos a caridade porque o Espírito Santo nos movimenta a sair de nós mesmos e ir ao encontro do Outro! Amor exige relação, exige comunhão. Por isso, o amor sempre nos põe em saída, como o Pai e o Filho!

Enfim, o Espírito Santo é Espírito santificador. Deixando-nos conduzir pelo Espírito da Vida, Espírito da Verdade e pelo Espírito de Amor, iremo-nos santificando na nossa peregrinação da fé, ou seja, iremos tornando-nos perfeitos como o nosso Pai (Mt 5,48). Imersos no Espírito Santo, deixando-o agir em nós, testemunhamos, como João Batista, que Jesus é o “Filho de Deus” (v. 34).

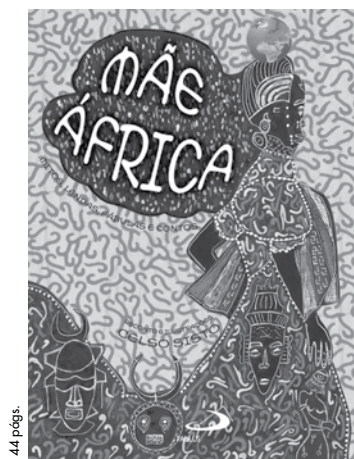
2. I leitura: Is 49,3.5-6

Desde o útero materno, Deus chama aquele de quem fala o profeta Isaías para ser o seu servo. Sua vocação consiste em unificar Israel e também em ser luz para todas as nações: “quero fazer de ti uma luz para as nações” (v. 6). O Servo de Deus não só unifica os dispersos de Israel, também é luz para todas as nações. Isso para que a salvação que vem de Deus “chegue aos confins da terra” (v. 6). O servo é portador da salvação de Deus, pois ele é modelo do Filho de Deus. No batis-

Mãe África

Mitos, lendas, fábulas e contos

Celso Sisto



Uma rica coletânea de histórias africanas feita com base em ampla pesquisa, com o objetivo de ressaltar a diversidade de etnias do continente africano. O autor selecionou 29 histórias originárias de diversos lugares da África, procurando privilegiar histórias ainda não publicadas em português. Os leitores encontrarão aqui uma festa plural de cores, nomes, belezas, sabores, feitos e fantasias africanas, os quais exercem muita influência na cultura brasileira.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mo, o próprio Deus revela a condição de Jesus: “Este é o meu Filho amado” (Mt 3,17).

O Filho de Deus, pelo seu Espírito, santifica todos os que creem em sua Palavra.

3. II leitura: 1Cor 1,1-3

Paulo sustenta que todos nós somos chamados por Deus Pai à santidade. A vocação primeira de todo ser humano consiste neste chamado. Somos “predestinados” à santidade. No nosso peregrinar na fé, optamos por modos de vida diferentes para responder a esse chamado: uns no matrimônio, outros na vida consagrada. Todas essas vocações configuram-se como respostas àquela vocação primeira e essencial.

Quem nos santifica é Cristo Jesus! E ele nos santifica porque nos imerge no Espírito Santo! Movendo-nos com o mesmo Espírito que moveu a Cristo, configuramo-nos a ele. Somos povo santo de Deus!

III. Pistas para reflexão

Como respondo ao chamado de Deus à santidade? Deixo-me conduzir pelo seu Espírito? E a comunidade apresenta-se como espaço no qual a santidade pode desabrochar-se, ou ela vive fechada em si mesma? Todo aquele que mergulha no Espírito está sempre em saída, jamais preso em si mesmo. Toda comunidade que se deixa impregnar do Espírito de Deus se configura como comunidade em missão!

Jesus não só oferece o perdão dos pecados, ele tira (leva embora) o pecado do mundo. Como vivemos a experiência do perdão? Quando recebo o perdão, ou quando perdoo o meu irmão, recebo ou perdoo com o propósito de extirpar o pecado do mundo? Caminhar na santidade consiste em oferecer e receber o perdão! A comunidade caminha na santidade?

Percebo o Espírito da vida, da Verdade, do Amor e da Santidade agindo em mim e na comunidade? De que modo a comunidade defende a vida, busca a Verdade, vive a caridade, reveste-se de santidade? Eu colaboro com isso?

3º Domingo do Tempo Comum

22 de janeiro

Discipulado: esforço contínuo para configurar-se a Jesus de Nazaré

I. Introdução geral

Seguimento ou discipulado é o fio condutor que perpassa as três leituras de hoje. Na primeira leitura, o profeta Isaías anuncia o surgimento da luz que irá trazer alegria a todos os povos que jaziam na sombra da morte. Na segunda, Paulo exorta a comunidade de Corinto para que ela viva a unidade, e não a discórdia. Somente Jesus Cristo é o centro de unidade da comunidade. Sem a centralidade em Cristo, a comunidade cai no erro de formar “igrejinhas” em seu interior e seguir o pensamento de alguns de seus líderes. No evangelho, Jesus convida todos à conversão. Conversão exige fé! Fé, por sua vez, consiste em seguimento. Tal como Simão, André, Tiago e João, somos chamados a deixar tudo para seguir Jesus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mt 4,12-23

O evangelho de hoje nos convida a três atitudes fundamentais: a) ouvir atentamente a mensagem de Jesus. Ele tem sempre um convite para cada um de nós. Seu convite incide sobre a nossa vida; b) mudar de vida. A proposta radical de Jesus consiste em abandonar o que em nós há de velho e abraçar o novo. O novo refere-se ao sentido profundo da vida. Encontramos este quando Jesus for a opção fundamental da nossa vida ou o eixo de nossa existência; c) seguir Jesus. O segui-



mento de Jesus implica fé em sua mensagem e atitude de conversão. Ser cristão é seguir Jesus. Portanto, pertencer a Cristo redonda em configurarmos a nossa vida à sua maneira de viver.

a) A mensagem de Jesus

Herodes faz calar João Batista. Jesus faz a sua voz ser ouvida por todos os povos! Deixa Nazaré e vai morar em Cafarnaum, às margens do lago da Galileia. Não é gratuita sua escolha. Considerava-se a região da Galileia como lugar dos pagãos: “Galileia dos pagãos” (v. 15). Cafarnaum abria-se para o mar. A ela recorriam povos de várias regiões pagãs. Assim, a opção de Jesus de morar nessa cidade indica que sua Boa Notícia será proclamada a todos os povos: judeus e pagãos. Mas não só: por estar localizado na Galileia o mar de Genesaré (ou Galileia), a região apresentava-se muito fértil, e isso sugere vida nova. A todos os povos anuncia-se vida nova. “O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz, e para os que viviam na região escura da morte brilhou uma grande luz” (v. 16). E o que Jesus anuncia? “Convertei-vos, pois o Reino de Deus está próximo” (v. 17).

A mensagem de Jesus apresenta-se bastante simples: Deus se interessa pelas pessoas! O Pai não fica alheio aos sofrimentos do povo, independentemente de estarem vinculados a uma religião ou serem pagãos. Deus está “sempre em saída”! Quer o melhor para todos. Pede a participação do ser humano para levar a vida em sua plenitude: que “todos tenham vida plena”. Só assim o Reinado de Deus pode acontecer em nosso meio. Ele está próximo, por isso Jesus nos convida a mudar de vida!

b) Mudança de vida

O que devemos mudar em nós para que o Reino de Deus aconteça? Trata-se de praticar a Boa Notícia de Jesus, ou seja, de introduzir em nosso meio uma maneira de ser revolucionária para inverter a lógica do mundo: “que os últimos sejam os primeiros”, “libertar os cativos”. Para isso, o princípio que

Papa Francisco aos jovens Pronunciamentos da jornada de Cracóvia

Papa Francisco



Papa Francisco é a grande voz do cristianismo do nosso tempo. Este livro traz os ensinamentos do Sumo Pontífice aos jovens, realizados durante a Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia. O discurso do Sumo Pontífice é um apelo para que as novas gerações não caiam no sedentarismo e no comodismo, mas que lutem pelo que acreditam. “A verdade é que não viemos a este mundo para fazer da vida um sofá no qual adormecemos. Ao contrário, viemos para deixar uma marca.”

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





deve nos mover nessa atuação é o mesmo que moveu Jesus: a compaixão!

Somente quando nos colocarmos no lugar do outro, quando decidirmos sentir a dor do outro, ocorre em nós a conversão. Não há verdadeira mudança se não estivermos dispostos a nos colocar em saída, tal como o nosso Pai!

“Sede compassivos como vosso Pai.” No caminho, que é Jesus: “Eu sou o caminho...”, os discursos sobre justiça, igualdade, paz, por mais belos que sejam, não têm vez. Justiça, igualdade e paz se constroem. Somos justos diante de Deus se e somente se nos colocamos ao lado do outro para defendê-lo. “Ama o próximo como a ti mesmo”: amamos o outro quando o elevamos à nossa dignidade. Não pode haver igualdade se o outro não for elevado ao mesmo patamar de dignidade que o nosso. Em suma: numa sociedade em que só tem direito quem tem poder (econômico), igualdade é ilusão! A paz somente acontece onde há justiça e igualdade. Enquanto houver um irmão destituído de dignidade, estaremos em dívida com toda a humanidade. Quem está em dívida com o outro não pode estar em paz! Movidos pela compaixão, construímos justiça, igualdade e paz! Sem a compaixão, podemos ter bom discurso sobre justiça, igualdade e paz, mas não nos voltamos para o Deus bom!

Para que os últimos de nossa sociedade sejam os primeiros, faz-se necessário uma conversão radical em nossa cultura, economia, democracia (tão nocauteada) e também em nossas Igrejas. Se não levarmos a sério a dignidade dos últimos, não mudaremos o mundo para melhor, isto é, não o preparamos para a chegada do Reinado de Deus. Enquanto as nossas Igrejas não fizerem a opção preferencial pelos mais fragilizados — os pequeninos para os quais se voltam os olhos de Jesus —, elas ainda não terão encarnado a lógica da Encarnação — o que é meu é teu (Jesus nos deu sua vida: a vida divina) ou a lógica do bom samaritano.

“Libertar os cativos.” São cativos todos aqueles que foram privados de ter acesso a

educação, saúde, moradia, trabalho, lazer... Também são cativos todas as vítimas de preconceitos; todos os que se deixam dominar pelo apelo capitalista de consumo; todos os que se submetem à corrupção; enfim, todos os desumanizados. Tanto os que foram desumanizados por uma *cultura do que só tem direito quem tem poder* quanto os que se submetem a ela. Somente quando estes forem libertados, encontrarão o sentido da vida, e a cultura passa a ser a cultura da vida.

A conversão acontece em nossa vida à medida que tomamos consciência de que Deus deseja o melhor para nós. O melhor para nós significa desenvolver plenamente tudo o que nos é próprio: a nossa humanidade. Só assim poderemos ser felizes.

c) Seguir Jesus

Andando na praia, Jesus viu Simão, André, Tiago e João, que estavam lançando suas redes, e os convidou para segui-lo (v. 19). Deles, Jesus fará “pescadores de homens”. Ora, a fé consiste em seguir Jesus. A fé, por sua vez, exige confiança. Somente quando tivermos inteira confiança em alguém poderemos “deixar tudo para segui-lo”. A fé, portanto, leva-nos a fazer uma opção radical: deixar tudo, ou seja, mudar de vida!

Fé e conversão caminham juntas. Por isso, pertencer a Cristo (ser cristão) consiste em esforçar-se continuamente para ir se configurando a Jesus Cristo. Construir a vida segundo o modelo de Jesus Cristo.

À medida que vamos adquirindo o modo de vida de Jesus, fazendo dele o eixo de nossa existência, transformamo-nos em “pescadores de homens”: conduzir o ser humano à presença de Deus para que somente ele reine.

2. I leitura: Is 8,23b-9,3

Nos tempos passados, Israel (Judá) foi infiel ao seu único Senhor. Tanto na política quanto na religião, Israel confiou no poder dos homens, e não em seu Deus. Por isso, na visão do profeta, caiu sob o domínio de povos



estrangeiros. Essa infidelidade resulta na quebra de aliança entre Deus e seu povo eleito.

Mas o Deus de Israel nunca desiste de seu povo! Ele restabelece a aliança rompida. A aliança definitiva será a vinda do Messias. Ele será a luz de todos os povos, não somente de Israel.

Sua presença devolverá a vida a todos aqueles que se encontram na “sombra da morte”. Nele, todos encontrarão o sentido da vida!

3. II leitura: 1Cor 1,10-13.17

Paulo exorta a comunidade de Corinto a ser concorde e, com isso, evitar divisões entre seus membros. Essa exortação decorre do fato de haver nessa comunidade “igrejinhas” particulares, a ponto de alguns dizerem ser “de Apolo”, “de Paulo”, “de Simão”, “de Cristo” (v. 12). Ora, essa identidade, que eles julgam ter com este ou aquele grupo, exprime uma consciência de Igreja destoante da visão paulina: Cristo é a cabeça e nós, seus membros. Mas não só: expressa também que, para eles, ser cristão depende do pensamento de Paulo, Apolo, Simão...

A exortação de Paulo tem um sentido preciso. A lógica que forma as “igrejinhas” deve ser extirpada da comunidade. Esta deixa de ser “comum-unidade” quando Cristo não é seu centro. Ora, a existência de grupos em seu interior expressa claramente que Cristo deixou de ser o seu centro.

Somente a pessoa de Cristo define a comunidade. Ele é o seu único centro de unidade. “Cristo foi crucificado por amor de nós” (v. 13). É ele o evento fundador da Igreja e o seu centro de unidade.

III. Pistas para reflexão

A quem seguimos nesta vida? Essa questão deve estar sempre presente em nosso coração, uma vez que a fé consiste em seguir Jesus. Se de fato queremos ser seguidores de Jesus Cristo, devemos prestar ouvidos a sua mensagem, abraçar a sua causa, aderir somente a ele.

Ministério do catequista Elementos básicos para a formação

Humberto Robson de Carvalho



A formação dos cristãos, particularmente dos catequistas, é e será sempre uma dimensão indispensável para o processo de evangelização da Igreja. A obra busca ensinar a doutrina e levar a uma experiência vital do Mistério de Cristo, bem como colaborar com a formação de catequistas, compreendendo que a catequese é um processo de educação da fé perpassa as diversas etapas da vida dos cristãos. O objetivo é formar catequistas versados na pedagogia do Mistério.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Nossa comunidade está centralizada em Cristo? Sua adesão a Cristo é total, ou os seus membros não vivem na concórdia?

4º Domingo do Tempo Comum
29 de janeiro

As bem-aventuranças: ilustrações de como viver centrado em Deus

I. Introdução geral

A primeira e a segunda leitura deste domingo nos falam da eleição de Deus. Deus escolhe os pequeninos (fracos) para confundir os poderosos deste mundo. O evangelho, na mesma direção, apresenta o programa do discipulado de Jesus. Somente os pobres em espírito (pequeninos, fracos) poderão trilhar os caminhos do Senhor. As bem-aventuranças são o itinerário dos que seguem a Jesus de Nazaré. Felizes são aqueles que encontram apoio somente no Pai. Eles são felizes porque buscam o bem para todos. A sua felicidade está na prática do bem (amor). Na contramão da cultura atual, em que a felicidade se reduz a “bem-estar” individual, a felicidade de que nos fala Jesus encontra-se somente em Deus e, portanto, só seremos verdadeiramente felizes quando construirmos um mundo humano para todos! Quando, imitando a felicidade da Trindade, construirmos comunhão!

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mt 5,1-12a

As bem-aventuranças consistem no programa de seguimento de Jesus. São oito ou

nove ilustrações de como viver centrado em Deus. O(a) discípulo(a) encontra a sua felicidade somente centralizado(a) em Deus. Sua recompensa vem da bondade divina.

Em Mt 5,1-12, Jesus apresenta as bem-aventuranças ilustradas, e Mt 25,31-46, as bem-aventuranças consumadas. Os bem-aventurados de Mt 5,1-12 correspondem aos benditos do meu Pai de Mt 25,31-46.

O convite de Jesus aos seus discípulos significa isto: descentralizai-vos de vós mesmos, não busqueis vossa felicidade segundo os vossos interesses. Centralizai-vos em Deus e sejais felizes construindo um mundo no qual todos possam ser felizes. Ninguém é feliz sozinho. Só de Deus vem a verdadeira felicidade, e ele é Pai de todos.

As bem-aventuranças

“Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino de Deus” (v. 3). Os pobres no espírito — correspondentes ao conceito de pequeninos em Lucas — são aqueles que não possuem nenhum apego aos bens deste mundo. Eles são capazes de repartir os bens com os outros. São felizes porque sabem que os critérios de felicidade de Deus são diferentes dos critérios humanos. Não possuem nenhum bem mundano! O coração deles não tem amarras. Estão livres para voltar-se para Deus. Por isso mesmo, sua recompensa só pode ser o Reinado de Deus. Descentralizados de si, tudo repartem, pois seu tesouro é um só: Deus. Onde há partilha, há lugar para todos: todos são inclusos!

“Felizes os que choram, porque serão consolados” (v. 4). Os que choram são aqueles que padecem a injustiça de uma sociedade excludente. Os marginalizados, os que não contam para um sistema econômico cuja base se assenta no consumo. São “os estranhos” porque não participam do mercado de consumo. As sobras da sociedade, que se deixam escravizar para poder sobreviver. Os rejeitados, vítimas de preconceitos bestiais.



Enfim, todos os sofridos cujos sofrimentos são impostos pelo próprio ser humano. Eles são consolados porque Deus “sofre onde sofre o amor” (Jürgen Moltmann). Deus sempre se põe ao lado do fraco e indefeso. Dos últimos, Deus faz os primeiros para que nem mesmo os que se fazem primeiros escapem de seu amor misericordioso.

“Felizes os mansos, porque receberão a terra por herança” (v. 5). Essa bem-aventurança nos remete à primeira. Enquanto aquela se refere à pessoa, esta trata da relação com o próximo. Mansos são todos aqueles que estabelecem relações alicerçadas na não violência. Diante do outro, os mansos apresentam-se desarmados, sem preconceitos, sem defesas. Eles acolhem o outro. Centralizam-se no próximo. Por isso, a herança deles é a terra, ou seja, o reinado de Deus!

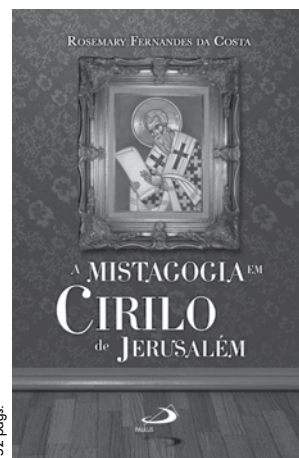
“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (v. 6). Os famintos e sedentos de justiça são aqueles que procuram ser justos e realizar a vontade de Deus. Aqueles que constroem um mundo mais humano, no qual todos possam viver com dignidade. Estes, que querem um mundo mais justo para todos, serão saciados com o Reino de Deus!

“Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (v. 7). Os misericordiosos são aqueles que se deixam mover pela compaixão: neles, o amor está sempre em ato, os põe para fora, em comunhão com o próximo. Destes o Senhor não se esquecerá no juízo final: “estive nu e me vestistes, faminto e me destes de comer, doente e fostes me visitar”, idoso e não me desprezastes, no mundo das drogas e me acolhestes.

Os misericordiosos colocam-se no lugar do outro. O amor misericordioso os descentraliza. O outro é o seu centro. Por isso eles bendizem a Deus, ou seja, falam bem do Deus misericordioso. A fala deles é gestual, operativa! A misericórdia é amor sempre em ato, nunca abstrato!

A mistagogia em Cirilo de Jerusalém

Rosemary Fernandes da Costa



Neste trabalho, nos dedicamos a uma das fontes patrísticas que muito tem a nos dizer com relação a esse tema, a coletânea das Catequeses Mistagógicas, de Cirilo de Jerusalém. Convidamos você, leitor e leitora, a procurar “ouvir” Cirilo falar, buscando entrar em sintonia com seu tempo e, depois, pouco a pouco, deixar-se “conduzir” pelas mãos de Cirilo, pelos mesmos caminhos com os quais orientava seus catecúmenos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





“Felizes os puros no coração, porque verão a Deus” (v. 8). Os puros no coração são todos aqueles que não se deixam corromper por outros deuses: dinheiro, poder, consumo... Eles são puros no seu ser mais profundo. Por isso, eles entram em comunhão com Deus: “Verão a face divina”.

“Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (v. 9). Os promotores da paz são todos os que constroem a paz, criam laços de fraternidade, estabelecem canais de comunicação onde não há diálogo, restabelecem amizades rompidas pela intolerância. Estes serão considerados filhos de Deus.

“Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino de Deus” (v. 10). A vontade de Deus é que haja justiça para todos. Seu reinado será de justiça e paz. Os perseguidos por causa da justiça são aqueles que buscam realizar a vontade de Deus, a instauração de seu Reino. Eles, perseguidos por causa da justiça, não revidam com o mal. Perdoam (não revidam) seus perseguidores, por isso contribuem para extinguir o pecado do mundo, tal como o “Cordeiro de Deus”. Deles é o Reinado do Pai.

A última bem-aventurança refere-se aos seguidores de Jesus. Jesus é a causa da perseguição de seus discípulos. Essa bem-aventurança consiste num convite de alegria que Jesus faz aos seus discípulos. Como os profetas foram perseguidos por causa do anúncio da misericórdia divina e, portanto, por anunciar a vinda do Filho de Deus, assim são os seguidores dele. Assim como o próprio Jesus foi rejeitado pelo poder constituinte (político e religioso), os seus discípulos, de todos os tempos, têm a mesma sorte.

Perderíamos toda a profundidade desse programa de Jesus estendido a todos os seus discípulos se não vissemos nas bem-aventuranças que somente Deus é garantia de felicidade para o ser humano.

Seguimos os passos de Jesus se o nosso coração não está apegado a falsas seguranças; quando não nos consolamos com as coisas do mundo; quando nos apresentamos completamente desarmados em face do nosso irmão; quando somos famintos e sedentos da justiça divina; quando nos deixamos mover pela misericórdia; quando em nosso coração só há lugar para o Pai; quando construímos a paz; quando o nosso objetivo é a realização da vontade do Pai e quando o mundo nos persegue porque trilhamos as pegadas de Jesus. Somente assim seremos verdadeiramente felizes.

2. I leitura: Sf 2,3; 3,12-13

Sofonias apresenta-se como profeta do pequeno resto de Israel! Israel confiou em si mesmo, mostrou-se autossuficiente até cair nas mãos dos assírios. De Israel, Deus escolheu um pequeno “povo humilhado e pobre” (pequenininhos, fracos). Este não usa de violência, mas “busca apoio no Senhor”. Somente os que não usam de violência, que buscam a justiça, podem formar comunidade. Os que bastam a si mesmos, os que confiam em seu poder não podem construir nada em comum, pois lhes falta exatamente o princípio básico sobre o qual se assenta qualquer coisa em comum: comunhão!

3. II leitura: 1Cor 1,26-31

“Deus escolhe aquilo que é nada para mostrar a nulidade dos que são alguma coisa” (v. 28). Paulo apresenta as razões para a escolha de Deus: “para que quem se gloria, glorie-se no Senhor” (v. 31). Ora, a glória do Senhor é a cruz, tal como nos mostra João em seu evangelho. Portanto, a glória do Senhor é o amor. Assim, só há verdadeira glória para aqueles que praticam a caridade, pois estes se gloriam no Senhor, uma vez que quem ama o seu irmão ama a Deus.

O teor desse trecho da carta de Paulo aos cristãos de Corinto corresponde perfeitamente



aos “pobres em espírito” da primeira bem-aventurança do Evangelho de Mateus. Os pobres em espírito são aqueles que buscam a glória de Deus, enquanto a glória dos que “são alguma coisa” na realidade é uma vanglória.

III. Pistas para reflexão

O desejo da felicidade caracteriza o ser humano. Assim como é próprio da razão a busca do conhecimento, é próprio da vontade a busca da felicidade. Nenhum ser humano pode deixar de buscá-la. A procura por ela é sempre individual. Eu e somente eu posso buscar a minha felicidade. Os caminhos que eu persigo para buscá-la são os meus caminhos. Mas embora a busca pela felicidade seja sempre individual, eu jamais posso ser feliz sozinho. Sou feliz se os outros também forem.

Somente o bem pode nos fazer felizes. O mal jamais pode propiciar felicidade. Ora, todas as pessoas, porque buscam ser felizes, buscam o bem. No fundo, todos buscamos Deus. Somente possuindo o bem soberano (Deus) seremos felizes. Como possuímos Deus? Na prática do bem (amor). Com efeito, na realização do bem, sou feliz. A felicidade, portanto, não se apresenta como algo que atingimos no final da nossa busca. Ela encontra-se na própria busca! O bem que eu procuro, encontro-o no bem que realizo!

Nossa vida é uma aventura! O seguimento de Jesus é uma boa aventura! Minha vida está sendo uma aventura, contento-me com alguns momentos de bem-estar, ou ela está sendo uma boa aventura? Minha felicidade, eu a apoio em Deus, em mim mesmo, ou no consumo?

A vida da Igreja está sendo uma boa aventura? Está sendo verdadeiramente “germe do Reino”? De fato é dela o “Reino de Deus”?

A prática da Igreja arrancará de Jesus o convite: “Vinde, bendita do meu Pai”? A minha prática cristã me coloca à direita do meu Senhor?

O ministério da coordenação da animação bíblico-catequética

Pe. Eduardo Calandro e Pe. Jordélis Siles Ledo, css



112 págs.

Coordenar é ato de amor e serviço que exige de quem exerce esse Ministério atitudes humano-cristãs que encontram suas fontes nas virtudes cardeais e teológicas. O livro, indicado para todos os catequistas, é fruto do diálogo e reflexão dos autores com catequistas. Ensina a como contribuir com a catequese e como animar o ministério da coordenação, a partir da compreensão do ministério na Igreja, do jeito de Jesus, das virtudes cardeais e das virtudes teológicas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





5º Domingo do Tempo Comum
5 de fevereiro

Com sua vida, o discípulo dá sabor ao mundo e o ilumina!

I. Introdução geral

As três leituras de hoje nos mostram a condição do discipulado de Cristo: encarnar o próprio Jesus e agir em conformidade com ele. Só assim podemos dar sabor ao mundo e iluminá-lo.

Paulo, em sua primeira carta aos cristãos de Corinto, com sua teologia da cruz, sustenta que a salvação provém da gratuidade do Pai. Não há mérito em nós que faz com que mereçamos a salvação. Diante da cruz de Cristo, toda pretensão humana de julgar conhecer Deus e, através desse saber, poder salvar a si mesmo encontra-se destruída. A cruz nos remete à nossa situação de criatura totalmente dependente do seu criador. Permitir que a graça de Deus aja em mim: eis a misericórdia divina operando em mim a salvação!

Na primeira leitura, o profeta Isaías apresenta-nos o jejum que agrada a Deus: atos de misericórdia totalmente voltada ao nosso irmão! Repugna a Deus atos intimistas com o coração carregado de interesses próprios: deixo de comer, mas me alimento todos os outros dias do suor do meu irmão; faço longas orações a Deus, mas, em vez de dialogar com o outro, ordeno; mostro-me totalmente dependente do Criador, mas nego o direito de viver dignamente aos meus semelhantes. O ouvido de Deus volta-se para aqueles que se voltam para os pobres! Não esqueçamos: os pobres que nos procuram fazem isso porque Deus nos recomendou a eles!

No evangelho, Jesus nos compara ao sal e à luz. Os cristãos (discípulos) são “sal da terra” e “luz do mundo” se encarnarem Cristo. Isso implica dar continuidade às obras dele! Nossas ações devem expressar as dele!

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mt 5,13-16

No evangelho de hoje, Jesus nos diz o que representam os discípulos para a sociedade: “sal da terra” e “luz do mundo”.

Metáfora do sal: assim como o sal dissolve-se no alimento, não mantendo mais o seu aspecto enquanto substância isolada, também o discípulo deve inserir-se na sociedade e temperá-la com o verdadeiro sabor da vida: o amor. O discípulo do Reino vai se perdendo como o sal e vai se configurando ao próprio Jesus. Essa proposta de Jesus vai na contramão do protagonismo! O discípulo promove o Reino, não a si mesmo. O próprio Jesus já fez a experiência do sal, inserindo-se no meio dos pecadores no batismo.

Metáfora da luz: o discípulo tem que estar no lugar onde sua presença ilumina o máximo possível. Jesus não quer uma comunidade de gueto, facciosa, mas aquela que se apresenta como uma Boa Notícia no meio da sociedade. Aquele que segue Jesus não tem luz própria! Por configurar-se a Cristo, reflete-o.

a) Sal da terra

Na cultura antiga, o sal aparece como imagem do que dá sabor e conserva os alimentos.

O discípulo, para ser “sal da terra”, deve se configurar a Cristo. Configurar-se a ele significa encarná-lo. Encarnamos Jesus Cristo quando a sua Palavra é um norte em nossa vida, em nossa comunidade. Quando seus gestos, atitudes, ternura para com as pessoas são também nossos gestos, atitudes e ternura.

Encarnar Jesus Cristo redundará em conservar nossa vida — assim como o sal conserva os alimentos — assumindo a vida divina em nós:



aquela que o próprio Jesus veio nos trazer.

No Evangelho de João, Jesus sustenta que a vida eterna (vida divina) é esta: “Que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste” (Jo 17,3). Ora, só conhecemos Deus Pai e seu Filho pelo amor. Ainda no Evangelho de João, em sua oração ao Pai, Jesus pede que sejamos um como ele e o Pai são um (v. 11). O desejo de Jesus Cristo consiste em que seus discípulos vivam na comunhão da Trindade. Essa comunhão acontece no amor, pois o amor gera comunhão! O amor faz com que nossa vida seja uma boa aventura. Encarnar Jesus Cristo, portanto, consiste em viver no amor!

Além de conservar nossa vida na comunhão trinitária, encarnar Jesus Cristo conserva ainda o evangelho (Boa Notícia) de Cristo. Se o discípulo não encarna Jesus Cristo, o cristianismo torna-se mera doutrina sem nenhum sabor. Se a Igreja não encarná-lo, ela simplesmente espelha o mundo. Este passa a ser carne de sua carne (PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p.72).

b) O sal sem sabor

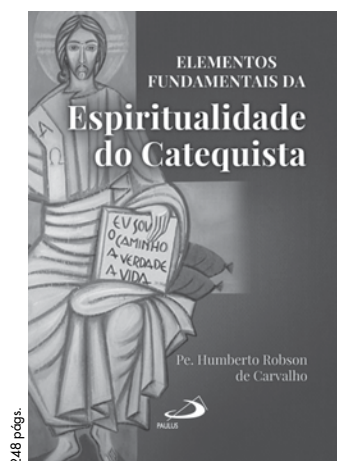
“Se o sal perde o seu sabor [...] não servirá para mais nada” (v. 13). O sal sem sabor não é mais sal: perde sua própria identidade! Assim, o discípulo sem Cristo, qual é a sua identidade? Como posso seguir alguém se não me identifico com aquele que eu sigo?

No capítulo 25 do Evangelho de Mateus, Jesus, na parábola do juízo final, separa os benditos do Pai dos malditos do Pai. Estes reconhecem Jesus como Senhor. Mas não fazem o que o Senhor faz. Não se identificam com ele. Aliás, nem o reconhecem: “Quando foi que te vimos...”. Os cristãos que perdem seu sabor correspondem aos malditos do Pai.

Atualmente, fala-se tanto sobre Deus, sobre Jesus. Mas talvez nunca se falou tanto mal sobre Deus e Jesus Cristo. Só falam bem de Deus (“ben-dizem” a Deus) aqueles que encarnam Jesus Cristo. Falam mal de Deus (mal-dizem a Deus) aqueles que falam de Deus e

Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista

Pe. Humberto Robson de Carvalho



Neste livro, o autor apresenta sinteticamente os grandes temas da vida cristã em sua prática cotidiana, de modo a favorecer o aprofundamento espiritual por parte dos catequistas. O objetivo é ser um instrumento nas mãos dos catequistas, para que possam, a partir da experiência com Deus e do encontro com os catequizandos, formar-se na escola de Jesus Mestre e Senhor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





agem contrariando a Deus. Somos sal da terra quando temperamos a vida da sociedade, quando nos preservamos de toda maldade!

c) A luz do mundo

Como portadores da luz (Cristo), somos luz do mundo! Todavia, só portamos a luz se nos configuramos (encarnar) a Cristo. Só podemos ser mensageiros (evangelizadores) da Boa Notícia para o mundo quando esta motiva o nosso viver!

Assim como o sal, ao perder seu sabor, deixa de ser sal, a luz não pode ser acesa para ser escondida logo depois (v. 15). Uma luz escondida é uma luz que não brilha, não afugenta as trevas! A existência do discípulo, na concepção de Jesus, só tem sentido se ela transformar o mundo com seu sabor e sua luz. Mas para que o discípulo possa transformar o mundo com sua existência, esta tem que ser transformada pela Boa Notícia anunciada por Jesus.

Quando as nossas obras bendizem a Deus, estamos sendo luz para o mundo. Quando, em vez de exigirmos dos outros boas atitudes, passamos a agir bem, estamos afugentando as trevas não só da sociedade, mas aquelas que persistem em habitar o nosso interior. Quando Cristo habitar em cada cristão, iluminaremos o mundo! Quando o Povo de Deus (Igreja) encarnar Jesus Cristo, o mal do mundo será tirado; e o Reinado de Deus estará no meio de nós!

2. I leitura: Is 58,7-10

Ao praticar o jejum, o povo de Israel busca atrair sobre si os benefícios divinos: “Por que foi que jejuamos e tu nem olhaste? Nós nos humilhamos totalmente e nem tomaste conhecimento” (v. 3). Com o jejum, o povo exige que Deus seja misericordioso, como se Deus agisse com misericórdia mediante as obras de piedade do ser humano. Eles desconhecem totalmente Deus e a história da salvação. Se conhecessem, veriam que a misericórdia divina age sempre e independentemente das ações

humanas. Quanto mais afastado estiver o ser humano, mais Deus vem ao encontro dele.

O jejum do povo não agrada a Deus porque, juntamente com essa prática, explora-se os trabalhadores e não se abre mão de interesses. Agrada a Deus o jejum que consiste em dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, hospedar os pobres, não permitir a opressão nem testemunhar falsamente (vv. 7 e 9).

A prática dessas obras de justiça atingirá o coração de Deus! Ele estará sempre pronto para atender todos os que as põem em ação. Brilhará a luz em todos os que praticarem o verdadeiro jejum: “Teus atos de justiça irão à tua frente, e a glória do Senhor o seguirá” (v. 8). Não só: “A tua luz brilhará nas trevas, o teu escuro será igual ao meio-dia”. As obras de justiça são luzes para a humanidade. Quem as pratica revela quem é o seu Senhor!

3. II leitura: 1Cor 2,1-5

A questão que se apresenta nesta leitura relacionasse à fé dos cristãos de Corinto: “para que a vossa fé se baseasse no poder de Deus e não na sabedoria humana” (v. 5).

A salvação do Pai é dom gratuito. Não há mérito humano na salvação. Por mais sábio e entendido que possa ser a pessoa, sua salvação não decorre de sua sabedoria, mas exclusivamente da misericórdia divina. Salvação é graça! Portanto, Deus não leva em conta nenhuma posição privilegiada. Ao contrário, escolhe os simples e humildes para participar de seu Reinado.

Alguns cristãos de Corinto julgavam que, pelo fato de conhecerem Deus e terem uma cultura mais elevada que os demais, eram “merecedores” da salvação. Por possuírem sabedoria humana, acreditavam merecer a salvação.

À sabedoria humana, Paulo opõe a sabedoria da cruz. A cruz simboliza o plano de salvação de Deus Pai. Ela expressa o poder de Deus: o Pai ressuscita o Filho. O cristão deve depositar total confiança no poder de Deus e jamais confiar em si mesmo. Do mesmo modo, a cruz assinala a nossa condição humana: so-



mos criaturas. O poder de nos salvar não está em nós mesmos. Ele pertence ao nosso criador! Com efeito, a cruz nega toda pretensão do ser humano de salvar a si mesma. Diante da cruz, o orgulho humano é aniquilado!

A cruz de Cristo conduz o ser humano a uma decisão: abandonar-se confiantemente à gratuidade do amor de Deus. Graça essa que fulgura na morte e ressurreição de Jesus!

Na visão paulina, a fé do discípulo deve ter como fundamento o poder de Deus. Todas as suas ações devem ser expressão dessa fé, pois somente assim suas obras demonstrarão o “poder do Espírito” (v. 4) agindo nele.

III. Pistas para reflexão

Nossa comunidade possui sal que preserve os crentes da maldade? Ela é luz para a sociedade de hoje?

Nossas boas obras transformam a vida na sociedade? E as de nossa comunidade são luzes que apontam para o Deus que seguimos?

Como cristãos, encarnamos Jesus Cristo ou o mundo é carne de nossa carne? E a Igreja tempera a vida das pessoas ou tornou-se insossa e, portanto, incapaz de dar sabor à vida de alguém?

Ser “sal da terra” consiste em agir com compaixão. Quem age com o coração compassivo introduz compaixão na sociedade. Somente agindo assim poderemos experimentar uma cultura do coração.

6º Domingo do Tempo Comum
12 de fevereiro

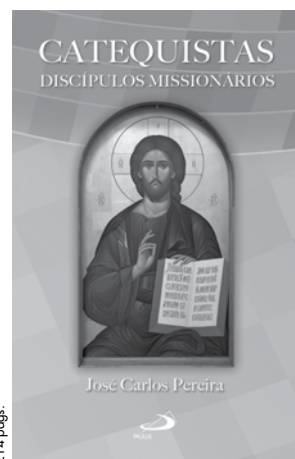
Cumprir a vontade do Pai

I. Introdução geral

A verdadeira justiça: eis o tema que perpassa as leituras deste domingo. Tornamo-nos justos se seguirmos a Palavra normativa

Catequistas, discípulos missionários

José Carlos Pereira



214 págs.

A missão do catequista é fundamental na vida da paróquia e da Igreja como um todo. Pensando na importância desse missionário, esta obra foi elaborada com o essencial para a formação de catequistas, a fim de que estejam bem-preparados para preparar outras pessoas. Oferece pistas de reflexão e aprofundamento sobre a doutrina, os sacramentos e a missão da Igreja, para que o catequista transmita com sabedoria os seus conhecimentos sobre a fé católica.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





de Deus. Tornar-se justo não consiste em mérito pessoal, mas do Pai. Deus nos justifica se seguirmos sua vontade!

Na primeira leitura, o autor do livro do Eclesiástico nos apresenta o livre-arbítrio do ser humano e o amor e a fidelidade de Deus. O Pai não deixa seus filhos entregues ao erro. A eles propõe seus mandamentos! Estes não são impostos, mas propostos. Tanto é assim que dotou o ser humano com a faculdade de escolher! Na liberdade, todos nós somos convidados a optar pela vida (bem). Quanto mais conhecemos a vontade do Pai, mais livre somos para escolher o bem!

Na segunda leitura, Paulo trata da “sabedoria misteriosa de Deus”. Esta somente os “perfeitos” conhecem. Na linguagem de Paulo, os “perfeitos” são os amadurecidos na fé. Os maduros na fé, por sua vez, são aqueles que, alicerçados na Palavra do Senhor, abrem-se ao Espírito Santo para, iluminados por ele, compreender o Projeto de Salvação do Pai, expresso na cruz de Jesus Cristo.

No evangelho, Jesus reinterpreta o Decálogo. Ele apresenta-se como a plenitude da Lei de Deus. “Não vim abolir a Lei, mas dar pleno cumprimento” (v. 17). Jesus é a expressão do espírito da lei: ele é a sua hermenêutica!

Ser discípulo de Jesus Cristo consiste em vivenciar o espírito da Palavra normativa do Pai! Sua Igreja (Povo de Deus), como germe do Reino de Deus, deve ser a hermenêutica dos mandamentos divinos.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mt 5,17-37

O tema sublinhado nesse trecho do evangelho refere-se à lei: Jesus reinterpreta o Decálogo. Nessa reinterpretação, encontram-se três atitudes de Jesus: continuidade: “Não vim abolir”; plenitude: “dar pleno cumprimento”; ruptura: “Ouvistes o que foi dito aos antigos [...] Eu porém vos digo”. Jesus não

fica na letra da lei, mas penetra o seu espírito. Ele vai além da letra.

No “ir além” está o espaço da generosidade e da criatividade. A generosidade e a criatividade de Deus são infinitas. O que importa a Jesus é a vontade do Pai. Ele reinterpreta algumas leis do Primeiro Testamento. Faz uma demonstração de como é possível dar o passo necessário para ir além da letra da lei.

A meta do discípulo consiste em proceder segundo o modo de proceder do Pai. Ora, a generosidade caracteriza o proceder do Pai: “faz o sol nascer sobre bons e maus”. A reinterpretação de Jesus culmina em seu pedido aos discípulos: “sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (v. 48). Assim, o discípulo de Jesus, ao cumprir a lei de Deus, deve ser generoso e criativo como o Pai. Aliás, é exatamente essa generosidade, essa criatividade que nos conduz às leis de Deus.

a) Jesus: a plenitude da lei

Jesus não veio para abolir todo o ensinamento do Primeiro Testamento. Isso está expresso em sua fala: “Não penseis que vim abolir a lei e os profetas” (v. 17). Ao contrário, sua vinda dá pleno cumprimento da lei e dos profetas. Ele os plenifica. Nesse sentido, pode-se sustentar que Jesus encarna a vontade do Pai: sua vida, seus ensinamentos, seus gestos expressam o espírito da lei e os ensinamentos nos profetas.

No v. 20, Jesus ensina como deve ser o procedimento do discípulo em relação à Palavra normativa do Pai: “Se vossa justiça não for maior...”. A entrada no reinado de Deus exige radicalidade e aprofundamento no cumprimento da vontade do Pai. A artificialidade no cumprimento da lei redundará na interdição à entrada do Reino.

A perpetuidade da lei apresentada no versículo 18 toma sentido em relação ao versículo anterior: a plenitude da lei, ou seja, o cumprimento do espírito da lei, permanece válida para sempre. Ora, o espírito da lei revela a generosidade do Pai. Para agirmos



como ele, devemos ser criativos. Com efeito, a obediência à letra da lei, sem ir além, torna-a caduca! Não faz sentido a sua permanência! Só permanece eternamente o que o espírito da lei suscita em nós: “sermos perfeitos como o Pai”.

No versículo 19, Jesus acentua a prática dos mandamentos. O modo de os discípulos praticá-los encontra-se no versículo posterior: “Se a vossa justiça não for maior...”.

b) Não cometer homicídio

Jesus entende o quinto mandamento, “não matar”, não somente no sentido de tirar a vida física de alguém, mas como toda e qualquer forma de “matar” a relação com o outro. Assim, encolerizar-se com o irmão leva-nos a romper relação com ele. Configura-se como uma espécie de morte do outro: não nos relacionamos mais com ele. “Chamar o irmão de tolo” consiste, aos olhos de Jesus, num homicídio espiritual: matamos o outro com nossas afirmações. Em suma, toda opção que nos conduz a romper relação com o próximo, toda atitude que interdita ao outro a sua dignidade de pessoa humana, toda política que nega ao outro o seu pleno desenvolvimento humano, toda espécie de preconceito, todo julgamento moralista encontram-se incluídos no quinto mandamento.

c) Liturgia e reconciliação

Intimamente ligados ao mandamento “não matar”, na reinterpretação dada por Jesus, encontra-se o verdadeiro culto prestado a Deus (liturgia) e a reconciliação. Não podemos participar do banquete que o Pai nos preparou sem nos reconciliarmos com o nosso irmão. Não há como sentar-nos à mesa com o Pai se excluimos da nossa vida o nosso irmão. Nada podemos ofertar ao Pai se não oferecemos amor ao próximo. Não há liturgia sem comunhão fraterna: uma exige a outra!

d) Não cometer adultério/não repudiar a esposa

No decálogo, proíbe-se o adultério e desejar a mulher do próximo. Mas o adultério e o desejo de possuir não se encontravam no

Amar, perder e crescer **A arte de transformar uma perda em ganho**

Jean Monbourquette



104 págs.

Aqueles que sofrem alguma perda ou separação de pessoas queridas, se orientados adequadamente, poderão enfrentar a dificuldade e crescer. Toda perda pode transformar-se em ganho e crescimento pessoais. Em linguagem poética e “terapêutica”, *Amar, perder e crescer* traz orientações práticas para a nossa cura e crescimento, após a perda afetiva.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mesmo nível. Havia um fosso entre o ato e o desejo. Aos olhos de Jesus, a ação humana está ligada à sua intenção. No coração humano (sede de sua decisão) encontram-se as raízes profundas das decisões. Assim, o ato (externo) humano decorre de sua decisão (interna). Jesus não separa o exterior do interior. Comete-se adultério quem desejar a mulher do próximo!

e) Não jurar

As relações inter-humanas assentam-se na confiança. Sem ela, não há possibilidade de relação social. Quando juramos, está implícita a desconfiança na palavra comunicada. Jesus procura eliminar qualquer relação assentada na falta de sinceridade.

A vontade do Pai exige adesão total. Deus não tolera observância fragmentada de sua Palavra normativa. Observar parcialmente a lei de Deus redundaria na interdição de adentrar o seu Reinado. Deus, autor da vida, exige a nossa vida e não simplesmente alguma coisa de nós.

2. I leitura: Eclo 15,16-21

O livro do Eclesiástico (Sirácida) nos apresenta, nesse trecho, o livre-arbítrio humano e o amor e a fidelidade de Deus. Ao criar o ser humano, Deus “o entregou às mãos do seu arbítrio” (v. 14). Ofereceu-lhe seus mandamentos e o revestiu de inteligência. O ser humano tem, portanto, o poder de escolher! Deus a ele nada impõe, apenas propõe: “se quiseres guardar os mandamentos, eles te guardarão” (v. 16). “Se confias em Deus, tu também viverás” (v. 16). Observar os mandamentos de Deus e nele confiar consiste em viver! A vida entregue nas mãos de Deus (confiança) traduz-se na observância dos mandamentos divinos.

“Diante do ser humano estão a vida e a morte, o bem e o mal” (v. 18). Cabe-lhe escolher entre os opostos. Seguir a vontade de Deus, expressa em sua Palavra normativa, consiste em optar pela vida e pelo bem. Con-

fiar em si mesmo e não em Deus redundaria em escolher a morte e o mal.

Embora o ser humano seja livre para escolher entre os opostos, é sábio escolher o bem, ou seja, a vida! O exercício da liberdade encontra-se indissociável da sabedoria. Quanto mais conhecemos a vontade divina, mais livres somos para escolher!

Deus “não mandou ninguém agir como ímpio e a ninguém deu licença para pecar” (v. 21). O Pai quer que seus filhos escolham o caminho da salvação. Ele não quer que nos entreguemos ao absurdo do pecado. Este não se apresenta como condição própria do ser humano. Deus nos criou não para pecar, mas para não pecar! O pecado, portanto, não é inevitável! O Pai se preocupa com seus filhos. Sua Palavra normativa aponta o caminho para evitar o pecado. Em nossa liberdade, podemos evitar o mal. Se agirmos com sabedoria: seguir a vontade de Deus, que é caminho da salvação, no exercício de nossa liberdade, evitamos o erro!

3. II leitura: 1Cor 2,6-10

Neste trecho da sua primeira carta aos Coríntios, Paulo fala da “misteriosa sabedoria de Deus” (v. 7). Não se trata de contrapor a sabedoria humana à sabedoria da cruz. Trata-se de aceitar na fé o anúncio do Cristo crucificado e sua compreensão mediante a iluminação do Espírito Santo.

A “misteriosa sabedoria de Deus” refere-se à cruz de Cristo. Ter acesso a essa sabedoria que o mundo não conhece não consiste apenas na fé em seu conteúdo, mas em sua compreensão. Esta só se atinge mediante a iluminação do Espírito do Senhor.

Essa “sabedoria escondida” (v. 7) expressa o plano de salvação de Deus, centrado na cruz de Cristo. Nela encontra-se o modo pelo qual o Pai, “desde a eternidade”, projetou a salvação gratuita do ser humano, chamando-o (predestinando-o) a participar da glória de Jesus Cristo ressuscitado mediante a sua cruz.

Ora, no amadurecimento da fé pode-se



atingir essa sabedoria. Aberto à ação do Espírito Santo, o cristão caminha na compreensão do plano salvífico do Pai. Inseparável da cruz de Cristo, o projeto do Pai é compreendido na participação de vida no amor.

III. Pistas para reflexão

Observar os mandamentos do Senhor, com toda a profundidade com que Jesus os reinterpreto, conduz o cristão ao caminho da salvação. Nossa observância da Palavra normativa de Deus nos possibilita a entrada no Reino de Deus? Nossa justiça é maior do que a dos “escribas e fariseus”?

A comunidade cristã propicia criatividade e generosidade tal como exigem as normas divinas? Nela há espaço para todos? Promove a reconciliação entre irmãos para que a liturgia seja comunhão fraterna?

Sou maduro na fé? E minha comunidade? Conheço a vontade do Pai para poder escolher, com liberdade, o bem e a vida? Minha comunidade promove formação para que todos tenham acesso ao conhecimento da Palavra de Deus?

7º Domingo do Tempo Comum
19 de fevereiro

A radicalidade do amor

I. Introdução geral

As três leituras do sétimo domingo do Tempo Comum nos convidam à santidade. Ser santo significa ser bom e amar gratuitamente, como o Pai!

A primeira leitura nos ensina a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. O amor a Deus e o amor ao próximo estão interligados. A prática desses amores leva-nos a imitar Deus: ser santos como Deus é santo!

Economia e bem comum O cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo

Élio Estanislau Gasda



Qual a importância de uma ética da empresa na era do capitalismo biocognitivo, financeirizado e informacional? Este livro explicita o conteúdo inerente à atividade empresarial e reflete sobre seu significado à luz do cristianismo. Para a Doutrina Social da Igreja, a dignidade humana e o bem comum são princípios inspiradores para uma ética da empresa.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Na segunda leitura, Paulo sustenta que a comunidade cristã é templo de Deus. E, como templo de Deus, todos os seus membros devem abraçar a sabedoria da cruz. A cruz revela quão gratuito é o amor de Deus! Revela também a força de Deus: a desmedida do seu amor! Sua sabedoria consiste numa vida doada, inteiramente gratuita. A cruz indica qual deve ser a vida do cristão. Quem se deixa conduzir por sua sabedoria possui já, aqui e agora, a vida eterna!

No evangelho, Jesus reinterpreta o mandamento do amor ao próximo. Sua reinterpretação é revolucionária: amar até mesmo o inimigo. Esta é a única maneira de amar gratuitamente como o Pai.

Toda a reinterpretação que Jesus apresenta no capítulo quinto do Evangelho de Mateus bem como o programa de vida do discípulo, exposto nas bem-aventuranças, culminam no último versículo desse capítulo: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”. Ser santos (Lv 19,2), ser misericordiosos como ele (Lc 6,36) e ser perfeitos como o Pai (Mt 5,48) se equivalem! Ser santo, misericordioso e perfeito consiste em amar gratuitamente!

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mt 5,38-48

“Amai os vossos inimigos” (v. 44). Eis o que há de mais revolucionário em Jesus! Amar os inimigos nada mais é do que a prática do amor gratuito. O Pai nos ama gratuitamente. Assim, amando gratuitamente, imitamos o modo de amar do Pai. Só o amor nos conduz à perfeição!

Somos humanos quando a nossa atuação é alicerçada no amor. Somente assim criamos relação, comunhão com o outro. Ao falar de amor, Jesus tem em mente uma relação humana de interesse pelo bem da pessoa. Em outras palavras, amar, na Escritura, significa fazer sempre o bem ao outro. Não se trata,

portanto, de um sentimento que, muitas vezes, se perde no abstrato. Amar é sempre concreto. Amar é ato e não abstração!

a) Rejeição à violência

“Olho por olho, dente por dente” (v. 38). Jesus se opõe à lei do “talião”. Opõe-se a toda forma de violência. Seu discípulo deve ser aquele que, com a prática do amor, estanca toda forma de violência. A posição de Jesus apresenta-se bastante clara: pagando o mal com a mesma moeda, nunca sairemos dele! Mas Jesus não quer somente isso. Ele quer mais: não nos limitarmos somente ao que nos é pedido; e ainda mais: amar até os nossos inimigos!

b) Doação sem medida

“Não ofereceis resistência ao malvado! Pelo contrário, se alguém te bater na face direita, oferece também a esquerda” (v. 39). Na dinâmica de refrear a maldade, Jesus nos convida à atitude da não resistência diante daqueles que nos fazem mal. Como seguidores de Jesus, o amor deve mover o nosso coração! Ora, o amor só visa ao bem. Portanto, não deve haver espaço para a maldade nos cristãos.

Jesus nos dá o exemplo: no alto da cruz, ele pede ao Pai perdão para todos os seus inimigos. Quando chegarmos ao céu e lá encontrarmos Pôncio Pilatos, Herodes, os sumos sacerdotes que condenaram o Filho de Deus e também os soldados romanos, não estranhemos! Insondável é a misericórdia divina! Inacessível à compreensão humana é o Deus misericordioso!

Os primeiros cristãos também são modelo para nós hoje. Eles não ofereceram resistência quando foram perseguidos e mortos por seguir Jesus. Ao contrário, também perdoaram aos seus perseguidores.

“Se alguém quiser abrir um processo para tomar a tua túnica, dá-lhe também o manto” (v. 40). Nos tempos de Jesus, quando alguém se sentia ofendido, era costume recorrer à justiça para exigir certa paga. Por exemplo, a túnica do ofensor! A postura de Jesus diante desses costumes apresenta-se clara. Nada substi-



tui a pessoa humana! Devemos visar ao bem da pessoa, mesmo que, para isso, devamos abrir mão de nossos pertences. A transparência da postura de Jesus suscita em nós profunda admiração: somente quando a pessoa se sentir amada, somente quando se sentir importante aos olhos do outro, ela abandonará a maldade!

A maldade não é própria do ser humano. É impossível nascermos maus, uma vez que Deus, o bem por excelência, nos criou, e nos criou à sua imagem. Mas a maldade pode desenvolver raízes no coração humano.

Não somos inocentes! O mal não é inerente a nós, mas podemos dar-lhe hospedagem! Podemos criar condições para que ele se alastre entre nós. Nossos inimigos o são por natureza ou nós os produzimos? O terrorismo é o desabrochar de uma maldade inerente ao coração humano ou é sintoma?

“Dá a quem te pedir, e não vires as costas a quem te pede emprestado” (v. 42). Doação e doar-se, eis os frutos de um coração que quer seguir as pegadas de Jesus, daqueles que querem fazer a experiência de um Pai misericordioso! Para ser verdadeiramente filhos do Pai de Jesus, não há outra via: ser bom como ele é bom!

c) Amor aos inimigos

“Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem” (v. 44). A lei do Levítico (19,18) entendia o amor ao próximo como algo aplicável somente aos compatriotas e correligionários: “Não procures vingança nem guardes rancor aos teus compatriotas”. Jesus a aplica universalmente e de modo ilimitado. Para isso, recorre ao modo de agir do Pai misericordioso: “faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos” (v. 45). Assim como o Pai, devem ser seus filhos. Como o Pai ama gratuitamente bons e maus, seus filhos devem amar até mesmo os inimigos!

A vocação do ser humano consiste em amar. Criados por um Deus Amor à sua imagem e se-

Para o diálogo com a pós-modernidade

João Manuel Duque



O que é a pós-modernidade? Que tem a teologia a ver com esse novo ambiente cultural? Trata-se de pura fragmentação relativista, que apenas deve ser condenada? Ou se trata de um fenômeno bem mais complexo, lançando desafios importantes à fé cristã? O autor parte da segunda hipótese e oferece propostas de interpretação que permitirão repensar o exercício da teologia cultural num ambiente cultural em que já não são aceitos certos dogmas modernos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





melhança, nós nos realizamos como humanos quando amamos a todos com o amor gratuito de Deus, sem procurar retribuição. Somente aquele que amam gratuitamente, tal como Deus, poderá amar os seus inimigos. Quem ama somente aqueles que o ama não ama o outro, mas a si mesmo. Seu amor move-se pelo interesse. O que mais lhe interessa é a si mesmo.

No “amar os nossos inimigos”, Jesus nos convida a ir além. Ir além redonda em pôr o nosso amor em movimento. Não basta amar quem nos ama. Para imitar o Pai misericordioso, devemos amar gratuitamente. O amor ao inimigo é a expressão maior da gratuidade do amor. O amor gratuito nos descentraliza, pois nos move a buscar o bem do outro! E nos centraliza em Deus, pois visamos ao bem do outro! Amando gratuitamente, imitaremos o Pai bom.

d) Perfeitos como o Pai

“Sede, portanto, perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito” (v. 48). Imitar o Pai em seu jeito de amar gratuito deve ser a meta de todo cristão. O Sermão da Montanha que abre o capítulo 5 do Evangelho de Mateus culmina neste versículo 48. O programa do cristão que Jesus apresenta ao longo desse capítulo tem uma meta precisa: seus seguidores devem ser perfeitos como o Pai.

Ser perfeitos como o Pai corresponde ao “sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Os judeus seguiam piamente o pedido de Deus presente no livro do Levítico: “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo”. Acreditavam eles que a observância estrita da lei conferia-lhes a santidade querida por Deus. Por focarem na lei, imaginavam que qualquer deslize se tornava suficiente para atrair a cólera divina. Esqueciam que o Pai Santo é misericordioso! A maioria deles praticava a Lei, mas não a misericórdia!

Jesus nos alerta sobre a santidade: ao ser misericordiosos, seremos perfeitos como o Pai! Não há outra via! Os misericordiosos praticam a Palavra normativa do Pai. Os

“perfeitos como o Pai”, ou seja, os misericordiosos são bem-aventurados. Os verdadeiros discípulos de Jesus Cristo!

2. I leitura: Lv 19,1-2.17-18

“Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (v. 2). A palavra-chave do livro do Levítico (o terceiro livro de Moisés) é a santidade. Porque Deus é santo, Israel deve ser santo também.

A santidade de Deus era vista em sua transcendência. Deus, aos olhos de Israel, apresentava-se como o separado por excelência: o Absoluto! Assim, a santidade que o povo deveria praticar consistia na pureza do culto e na ordem moral.

Diante da perfeição de Deus, Israel procura prestar-lhe culto de modo mais perfeito possível e servi-lo com a máxima pureza moral, amando o seu próximo. O Levítico ensina, portanto, a amar a Deus sobre todas as coisas. Essa prática consiste no verdadeiro culto que se pode prestar a ele. Ensina também que devemos expressar, na vida moral, o amor ao próximo como a nós mesmos.

3. II leitura: 1Cor 3,16-23

“Sois templo de Deus e o Espírito de Deus habita em vós” (v. 16). Essa afirmação de Paulo refere-se à comunidade de Corinto, e não ao indivíduo. Como templo de Deus, a Igreja de Corinto apresenta-se como espaço vivo no qual Deus se faz presente. O Espírito de Deus habita em cada membro da comunidade. Estes, movidos pelo Espírito que faz com que chamemos Deus de Pai, não pertencem mais a si mesmos, mas a Deus.

“Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá, pois o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós” (v. 17). A comunidade dos irmãos é santa. Destruí-la implica a sua própria destruição. Ora, a comunidade é santa exatamente porque atualiza o amor. Não há comunidade cristã se não houver o amor fraterno. Porque vive o amor, a comunidade



pertence a Deus. Dela, o Pai zela com carinho!

A reflexão do apóstolo Paulo tem um endereço preciso: os líderes da comunidade de Corinto. Estes se orgulhavam de suas experiências religiosas, como também os outros membros da comunidade se exaltavam por pertencerem a este ou aquele líder. Paulo inverte a relação: não são os cristãos de Corinto que pertencem a este ou aquele, mas são os líderes que pertencem àqueles! Os líderes da comunidade devem estar a serviço dos fiéis. O Espírito Santo realiza na comunidade o plano salvífico de Deus. Seus líderes são apenas instrumentos do projeto do Pai.

“Quem se julga sábio diante do mundo, faça-se louco, para tornar-se sábio” (v. 18). À pretensão dos líderes da comunidade de Corinto de serem sábios aos moldes do mundo, Paulo opõe a sabedoria da cruz. A cruz, considerada loucura para o mundo, aparece em Paulo como a sabedoria mais elevada. Por ela, o cristão ilumina-se e, moldando-se a Cristo, vive o que a cruz revela: o amor gratuito de Deus!

A loucura da cruz leva o cristão a assumir outra lógica — diferente da do mundo — de relação com o mundo, com a vida e com Deus. Aquele que vive o que a cruz revela pertence a Cristo, “e Cristo é de Deus” (v. 23). De todas as coisas podemos nos servir, desde que sirvamos a Cristo!

III. Pistas para reflexão

Meu amor por meu irmão reflete o único modo de amar do Pai? Minha comunidade é templo vivo de Deus? Ela se deixa conduzir pelo Espírito do Pai? Meu amor é seletivo ou ele é inclusivo como o amor do Pai? Se eu não amar como o Pai, eu não o amo acima de todas as coisas!

Se a Igreja (Povo de Deus) se fecha, se não se põe em saída como o Pai, se não é espaço de misericórdia, ela se autodestrói. A comunidade viva (templo vivo de Deus) só se mantém viva se praticar o amor gratuito.

A hora de Deus A crise na vida cristã

Amedeo Cencini



352 págs.

Há quem afirme que o verdadeiro problema da vida religiosa ou sacerdotal reside no fato de muitos consagrados viverem tranquilamente situações críticas, sem aparentar nenhum tipo de incômodo. Para o autor, “seria verdadeiramente coisa boa aceitar entrar em crise, pelo menos uma vez”. Neste livro, ele nos explica justamente aquilo que torna a crise, e o faz mediante um caminho amplo, oferecendo análise aprofundada dos possíveis percalços que ainda estão para se revelar em nossa caminhada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





8º Domingo do Tempo Comum
26 de fevereiro

A gratuidade do amor

I. Introdução geral

A Palavra de Deus deste domingo nos convida a olhar os lírios do campo, para ver na fragilidade das ervas, que de manhã florescem e à tarde secam, a providência divina, ou seja, a gratuidade do seu amor.

Na primeira leitura, o segundo Isaías proclama o amor entranhado de Deus, que nunca se esquece de nenhum de seus filhos. Na primeira carta de Paulo aos Coríntios, o apóstolo chama a atenção das lideranças cristãs para não esquecerem a gratuidade de ser cristãs. A tarefa do líder consiste em colocar-se a serviço da comunidade e ser administrador do plano de amor de Deus. Qualquer outra postura gera divisão no interior da comunidade. No evangelho, Jesus nos convida a uma única ocupação: o Reino de Deus. Todas as outras preocupações são grilhões que nos impomos e que acabam nos desviando de nós mesmos, dos outros e de Deus. O convite para contemplar os lírios do campo se traduz no chamado para ver, nas pequenas coisas, a gratuidade divina. Se abrimos o nosso coração ao amor gratuito do Pai, experimentamos a vida como dom!

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho: Mt 6,24-34

Jesus exalta a gratuidade do amor do Pai. Amor que cuida até das menores criaturas, como os lírios do campo, cuja existência se apresenta tão ínfima: “que de manhã nascem e à tarde secam”; amor providente: “que não deixa nenhum passarinho morrer de fome”. Desse modo é que Jesus Cristo sente e vê o Pai

e nos convida a permitir que ele cuide de nós.

a) Dois senhores

Jesus adverte os seus discípulos de que não podemos servir a dois senhores. Essa impossibilidade decorre do fato de que o nosso coração não se deixa guiar por dois amores: “ou odiará um e amará o outro, ou aderirá a um e desprezará o outro” (v. 24).

O coração, no Segundo Mandamento, salvo as atribuições fisiológicas que ainda persistem, apresenta-se como o nosso ser mais profundo, a nossa consciência moral. Não se trata, portanto, de um órgão do corpo humano, mas de uma faculdade espiritual. Ora, o nosso ser naturalmente busca o seu bem. Aplicamos o nosso amor, cuja sede é o coração, àquilo que julgamos ser um bem para nós. Disso decorre que tudo o que não concorrer ao nosso bem, nós o excluímos. A busca natural do nosso bem nos coloca diante de uma escolha: a qual bem meu coração adere? “Onde está teu tesouro aí estará teu coração.”

b) Deus ou dinheiro

“Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (v. 24). Deus e o dinheiro se excluem. Enquanto o Pai, por sua absoluta gratuidade, deixa-nos livres de todas as preocupações cotidianas, uma vez que se desdobra em cuidados, o dinheiro nos aprisiona. Quanto mais temos, mais queremos ter. Nessa busca desenfreada, não medimos esforços para acumular. Toda a nossa segurança e, portanto, confiança estão na conta bancária.

O dinheiro, invenção humana para representar valores, passou a ser em si mesmo um valor, a tal ponto que o próprio valor da pessoa humana passou a ser relativo: o ter é exaltado em detrimento do ser! Julga-se pelo que se tem e não pelo que se é!

Ora, o ter distancia-nos de Deus por três razões principais: 1) o ter é fruto do nosso esforço (na melhor das hipóteses), logo não é dom (gratuidade); 2) o ter embota no ser humano a imagem e semelhança de Deus, pois



apaga nele a gratuidade (dom). Só o ser pode ser dom, jamais o ter; enfim, 3) o ter tira do ser humano a liberdade, portanto nega nele a filiação divina!

Com o termo “dinheiro”, Jesus quer nos alertar sobre tudo aquilo que nos escraviza, ou, em outras palavras, tudo o que nos leva a excluir Deus e os nossos irmãos de nossa vida. Assim, um elemento bastante atual que podemos associar ao termo “dinheiro”, entre outras coisas, é o eu como fruto do próprio egoísmo. Este eu, enfeitamos com qualidades que apreciamos e que os outros também apreciam. É um eu imaginário, não o nosso eu verdadeiro. Conscientes de que a exibição de um pequeno defeito de nosso eu leva os outros a não o estimar, escondemos dos outros e de nós mesmos todas as nossas fraquezas. Preocupados em embelezar o nosso eu imaginário, esquecemos o nosso eu verdadeiro. Consumimos toda a nossa vida em função desse eu que é fruto da nossa imaginação.

Assim como o dinheiro, o eu imaginário é tirânico. Sua tirania consiste em exigir de nós dedicação exclusiva e, por isso, desvia-nos de nós mesmos, dos outros e de Deus.

c) O que tem valor maior?

“A vida não é mais que o alimento, e o corpo, mais que a roupa?” (v. 25). Ocupamo-nos com tantas coisas no nosso dia a dia que acabamos invertendo o real valor das coisas. A preocupação com os alimentos nos desvia de nos atermos ao verdadeiro valor da vida; a preocupação com a roupa faz com que esqueçamos a importância do corpo: ocupamo-nos previamente com algumas coisas e negligenciamos o essencial.

Evidentemente, Jesus não está dizendo que não devemos nos preocupar com alimento e vestuário. Devemos nos ocupar também dessas coisas, mas sem jamais ater toda a nossa vida a elas. Pois se assim fizermos, vamos nos asfixiar no mundo da necessidade (trabalho, preocupações cotidianas) e não o transcenderemos para abraçar o Reino destinado aos filhos e filhas de

Deus. Por ser um ser espiritual, o ser humano só se realiza transcendendo o mundo da necessidade. Somente nesse transcender podemos encontrar o real valor das coisas. Jesus apresenta o que de fato tem sentido na vida!

d) O Reino de Deus

“Os pagãos vivem preocupados com o que comer e com o que vestir. Vosso Pai que está nos céus sabe que precisais de tudo isso” (v. 32). Os pagãos de hoje são todos os que se prendem ao mundo da necessidade, os que encontram segurança no que possuem, os que estabelecem com os outros uma relação mercantil, e não uma relação de gratuidade, os que só valorizam o que for útil, os que rejeitam a Providência porque seus celeiros estão cheios, enfim, os que veem a vida como propriedade e não como dom. O Pai cuidador, porque ama gratuitamente, nos dá tudo do que precisamos. Mas de que modo Deus nos dá? Como entender sua Providência?

“Buscai o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo” (v. 33). Quando entendermos que a vida é dom de Deus, pura gratuidade, e, por ser assim, defendermos toda forma de vida: humana, animal e vegetal, sem impor condições, fruto dos nossos preconceitos; quando as nossas relações inter-humanas se pautarem pelo princípio da fraternidade, na qual todos são inclusos: o pobre ser convidado à mesa — do pão, da educação, da saúde, da dignidade — e o rico partilhar, e não ser escravo do dinheiro; quando, enfim, Deus for o nosso único Senhor, então nos deixaremos conduzir pela providência divina. Onde há fraternidade, onde Deus reina como único Senhor, ninguém ficará sem comida ou sem o que vestir.

Todos poderão contemplar a gratuidade divina na beleza dos lírios do campo e o cuidado de Deus com as aves do céu. Todos aprenderão o que é a gratuidade, pois experimentarão, no recebimento e na doação, a providência divina!



2. I leitura: Is 49,14-15

Após tanto tempo no exílio da Babilônia, o povo perdera a esperança de retornar a Israel. Parecia que Deus os havia esquecido. Aquele que os libertara da escravidão do Egito dava a impressão de não se importar mais com o seu povo. “O SENHOR me abandonou, o SENHOR esqueceu-se de mim” (v. 14).

Esse sentimento de abandono apresentava tão forte entre o povo exilado que nem mesmo a profecia de Isaías, proclamando a força do Deus de Israel, era capaz de animá-lo e, assim, restabelecer nele a confiança no Senhor e, consequentemente, a esperança.

Isaías muda o seu discurso: deixa de anunciar o poder de Deus e passa a proclamar o seu amor e a sua ternura como o amor e a ternura de uma mãe para seu filho: “Acaso uma mulher esquece o seu neném, ou o amor ao filho de suas entranhas? Mesmo que alguma se esqueça, eu de ti jamais me esquecerei!” (v. 15).

Isaías mostra que o amor entranhado de Deus o faz sempre envolver seus filhos de ternura e proteção. Seu amor é memória! Esta se apresenta tão viva, que faz cair no esquecimento toda a ingratidão do seu povo!

A mudança de discurso de Isaías tem um sentido preciso: não se trata meramente de animar o povo exilado. O profeta toma consciência de que o poder de Deus consiste em seu amor! Jesus Cristo proclama esse poder de Deus! O amor do Pai o leva a cuidar dos pássaros do céu e dos lírios do campo!

3. II leitura: 1Cor 4,1-5

Algumas lideranças da comunidade de Corinto, por se considerarem avançadas no conhecimento dos mistérios (projetos) de Deus e, por isso, portadoras de uma sabedoria superior, julgavam o trabalho do apóstolo. Perante essa posição, Paulo pede à comunidade “que as pessoas nos considerem como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus” (v. 1). A relação do apóstolo com Cristo como seu servo e, por isso,

administrador do projeto salvífico de Deus o submete ao julgamento somente daquele a quem serve, ou seja, do próprio Cristo. O apóstolo não é dono da comunidade, é seu ministro (servo). A última palavra sobre o seu ministério compete somente a Deus.

A preocupação de Paulo não se aloja no conteúdo do julgamento dos líderes cristãos de Corinto, mas na sua atitude de julgadores. Ao julgarem, eles esquecem a gratuidade que se exige do cristão: estar sempre a serviço. Colocar-se como juiz em uma comunidade fatalmente cria divisão em seu interior. Pois quem julga aparta-se dos demais, considerando-se superior aos outros. Aqueles que agem assim esperam o louvor da comunidade.

Paulo adverte a comunidade de que somente de Deus recebemos o devido louvor. Diante dele, os projetos do nosso coração se manifestarão, e ele, que conhece as profundezas do nosso ser, perscruta o coração humano, nos dará a recompensa.

A gratuidade do amor de Deus, que “alimenta as aves do céu e veste os lírios do campo”, convida todo cristão a abandonar-se confiantemente à providência dele. E uma vez que não há como servir a dois senhores, não podemos servir a Deus e ao nosso próprio egoísmo. Orgulho e gratuidade se excluem, assim como egoísmo e serviço! A advertência de Paulo se endereça também a nós.

III. Pistas para reflexão

A busca pelo Reino de Deus e a sua justiça deve ser a meta de todos os cristãos. Como buscá-lo? Somente quando Deus for o nosso único Senhor, o Reino de Deus estará próximo de nós.

A Igreja apresenta-se como “germe do Reino de Deus” quando gera espaço para que todos sintam a gratuidade do amor do Pai.

Só poderemos contemplar os lírios do campo quando nos ocuparmos com a vida e não com o que comer ou com o que vestir, ou seja, só poderemos ver o essencial quando os acessórios não prenderem o nosso coração! ●



A origem de Javé **o Deus de Israel e seu nome** *Thomas Römer*

À luz da crítica histórica, filológica e exegética, e das mais recentes descobertas da arqueologia e da epigrafia, Thomas Römer mergulha em uma pesquisa rigorosa e apaixonante sobre os traços de uma divindade da tempestade e da guerra erigida, depois da "vitória" sobre as suas rivais, em deus único, universal e transcendente.

256 págs.

Em busca de Jesus de Nazaré **Uma análise literária** *Eduardo Hoornaert*

No livro *Em busca de Jesus de Nazaré*, o teólogo e historiador Eduardo Hoornaert debruça-se sobre os métodos de leitura da Bíblia e sobre a questão: alguém que se declara "sem religião", toma distância de Jesus Cristo, sem abandonar o seguimento de Jesus de Nazaré, é cristão ou não?

216 págs.



Origens do Cristianismo *Eduardo Hoornaert*

Este livro não trata de teologia nem de espiritualidade, mas de história e análise literária. Pretende ajudar na leitura de escritos antigos da tradição de Jesus, desde os primeiros, elaborados por Paulo, Marcos, Mateus, Lucas e João, até alguns posteriores, redigidos entre os séculos II e V, como os de Marcião, Orígenes e Agostinho.

208 págs.

Meditações sobre a Paixão do Senhor *Charles de Foucauld*

A figura do irmão Charles de Foucauld sempre exerceu em muitos, cristãos e não cristãos, grande fascínio. Sua mensagem espiritual nasce da imitação radical de Cristo, pobre e obediente à vontade do Pai. A obra é composta de 24 pequenos comentários sobre a Paixão do Senhor escritos por Foucauld em vista do crescimento espiritual a caminho da Páscoa. Você encontrará no apêndice do livro a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo Marcos.

80 págs.



Estude na melhor faculdade de **COMUNICAÇÃO**

Faculdade Paulus de Comunicação

— **Excelência Reconhecida!** —

- **Jornalismo**
- **Rádio, TV e Internet**
- **Relações Públicas**
- **Publicidade e Propaganda**
- **Filosofia** | Bacharelado
Licenciatura
- **Fotografia**
- **Multimídia**
- **Audiovisual**

Vestibular 2017
VERÃO

Inscrições abertas
fapcom.edu.br/vestibular



Faculdade Paulus de Comunicação
Rua Major Maragliano, 191 | São Paulo | SP | 04017-030
fapcom.edu.br | 0800 709 8707

#EuEscolhiFAPCOM

